



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**DIEGO EBERTZ**

**AIDS NO BRASIL: UMA ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES DA REVISTA VEJA E DO  
JORNAL TRIBUNA DA IMPRENSA ENTRE OS ANOS DE 1982 E 1985**

**CHAPECÓ  
2017**

**DIEGO EBERTZ**

**AIDS NO BRASIL: UMA ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES DA REVISTA VEJA E DO  
JORNAL TRIBUNA DA IMPRENSA ENTRE OS ANOS DE 1982 E 1985**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado  
como requisito para obtenção do título de Licenciatura em  
História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Profa. Dra. Samira P. Moretto

**CHAPECÓ**

**2017**

## PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Ebertz, Diego

AIDS NO BRASIL: UMA ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES DA  
REVISTA VEJA E DO JORNAL TRIBUNA DA IMPRENSA, ENTRE OS  
ANOS DE 1982 E 1985./ Diego Ebertz. -- 2017.

80 f.:il.

Orientador: Samira Peruchi Moretto.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de História  
, , 2017.

1. Aids. 2. Revista Veja. 3. Tribuna da Imprensa. I.  
Moretto, Samira Peruchi, orient. II. Universidade  
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

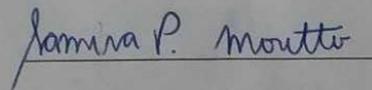


UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
COORDENAÇÃO ACADÊMICA  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA - LICENCIATURA

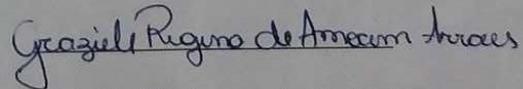
ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Aos quatorze dias do mês de junho de dois mil e dezessete, às 9 horas nas dependências do Campus Chapecó da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), reuniu-se a banca avaliadora da monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História constituída pelos professores: **Samira Peruchi Moretto (Orientadora)**, Prof. **Grazielle Arraes (UFSC)** e Prof. **Fernando Vojniak (UFFS)**. O Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História - Licenciatura – elaborado pelo acadêmico **Diego Ebertz** sob o título: *Aids no Brasil: uma análise das publicações da revista Veja e do Jornal Tribuna da Imprensa, entre os anos de 1982 e 1985* obteve a média final 9,0 sendo considerado regular.

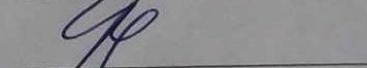
Chapecó - SC, 14 de junho de 2017.



Dr.<sup>a</sup> Samira Peruchi Moretto - Orientadora



Dr.<sup>a</sup> Grazielle Arraes - Avaliador 1



Dr. Fernando Vojniak - Avaliador 2

Dedico este trabalho a todos que sofrem ou sofreram qualquer tipo de preconceito em decorrência da aids.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos que contribuíram para a minha caminhada, principalmente minha família pelo carinho e paciência, agradeço também aos meus amigos que estiveram comigo nesta jornada desafiadora e de muita aprendizagem. Quero explicitar meus agradecimentos especiais a meu companheiro Alex Junior Rapczynski por todo seu apoio durante a graduação e também na elaboração deste trabalho, além de amigos que estiveram junto durante este processo, por isso minhas mais sinceras gratidões a Josiane Uliana, Neiva Krewer e Lizabeti Emilia Semczkowski.

Agradeço também aos professores que me auxiliaram para a elaboração deste trabalho, a saber principalmente a orientadora Dra Samira Peruchi Moretto que teve papel fundamental no auxílio da elaboração desta monografia. Agradecer também a Prof. Dra. Grazielle Regina de Amorim Arraes por suas contribuições na banca de qualificação, assim como o professor Dr. Fernando Vojniak. Também agradecer aos professores Dr. Ricardo Machado, M.s Francimar Ilha da Silva Petrolí, e professora Dra. Daiane Vaiz Machado, por suas contribuições durante o processo de construção do trabalho.

## RESUMO

Esta monografia tem como objetivo analisar e compreender a forma como a revista Veja e o jornal Tribuna da Imprensa divulgaram a aids a seus leitores, entre os anos de 1982 e 1985. Ambos os periódicos localizados no estado do Rio de Janeiro e disponibilizados virtualmente. No início da década de 1980 surgiu nos Estados Unidos uma nova doença desconhecida e com altas taxas de mortalidade, e que foi identificada primeiramente no grupo dos homossexuais, logo, a associação entre a aids e a homossexualidade foi destacada tanto nos meios científicos como jornalísticos, sendo usada com frequência as palavras grupos de risco. Chegada ao Brasil, a aids foi mostrada nas páginas dos periódicos como uma doença mortal e contagiosa, e que ocasionou pânico e dúvidas entre a população. Nosso objetivo é perceber a forma como a aids foi apresentada aos leitores entendendo o contexto dos periódicos e suas influências entre a sociedade, além de apresentar alguns discursos utilizados pelos editores na forma como se relacionavam com seu público leitor. Assim pretendemos perceber também as mudanças em que os periódicos passaram a ter em relação a forma como noticiavam a aids, apontando assim as rupturas que a aids causou nas páginas da revista Veja e do jornal Tribuna da Imprensa.

Palavras-chaves: Aids, revista Veja, Tribuna da Imprensa.

## **ABSTRACT**

This graduate thesis aims to analyze and understand the way *Veja* magazine and *Tribuna da Imprensa* newspaper disclosed aids to their readers between 1982 and 1985. Both periodicals are located in the state of Rio de Janeiro and made available online. In the early 1980s, an unknown new disease with high mortality rates appeared in the United States and began to attack mainly the homosexual community, so the association between Aids and homosexuality gained strength in both scientific and journalistic circles, being strongly classified as “risk groups”. When it arrived in Brazil, aids was shown on the pages of the periodicals as a deadly and contagious disease, which caused panic and doubts on the population. Our goal is to perceive how aids was presented to readers by understanding the context of the periodicals and their influences among the society, and to perceive and point out the forms of discourse used by editors in the way they have related to their readers. Also to notice the changes that the periodicals started to have in relation to the way they reported aids, and so understand the ruptures that aids caused on the pages of *Veja* magazine and *Tribuna da Imprensa* newspaper.

Keywords: Aids, *Veja* magazine, *Tribuna da Imprensa* newspaper.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2</b>	<b>AIDS: UMA EPIDEMIA DO SÉCULO XX</b> .....	17
2.1	O SURGIMENTO DA AIDS.....	17
2.2	HIV: A DESCOBERTA DE UM NOVO VÍRUS .....	23
2.3	AIDS E PERIÓDICOS: A RELAÇÃO ENTRE A IMPRENSA ESCRITA E A CIÊNCIA.....	27
<b>3</b>	<b>A AIDS NA REVISTA VEJA</b> .....	30
3.1	UMA BREVE HISTÓRIA DO SURGIMENTO DAS REVISTAS BRASILEIRAS ATÉ A CRIAÇÃO DA REVISTA VEJA .....	30
3.2	ESBOÇO DA HISTÓRIA DAS REVISTAS NO BRASIL.....	31
3.3	A PRIMEIRA EDIÇÃO DA REVISTA VEJA .....	34
3.4	DIREÇÃO E COMANDO DA REVISTA VEJA (1968 – 2017).....	35
3.5	MATÉRIAS INFORMATIVAS .....	37
3.6	REPORTAGENS DA VEJA SOBRE A AIDS.....	40
<b>4</b>	<b>A AIDS NO JORNAL TRIBUNA DA IMPRENSA</b> .....	55
4.1	UMA BREVE HISTÓRIA DOS JORNAIS NO BRASIL .....	55
4.2	A CRIAÇÃO DO JORNAL TRIBUNA DA IMPRENSA .....	56
4.3	CARACTERÍSTICAS DAS MATERIAS JORNALISTICAS.....	60
4.4	REPORTAGENS DO JORNAL TRIBUNA DA IMPRENSA SOBRE A AIDS .....	62
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	74
	<b>FONTES</b> .....	77
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	79

## 1 INTRODUÇÃO

Um dos principais motivos que nos levou ao interesse pela temática da Aids<sup>1</sup>, veio por meio do cinema, quando assisti ao longa metragem *The Normal Heart*<sup>2</sup>, lançado em 2014, que trata da luta inicial dos primeiros casos da síndrome nos Estados Unidos. O filme narra a dificuldade em conseguir apoio do governo e respeito da sociedade por parte dos pacientes, e dos poucos cientistas que batalhavam na busca pela cura da doença.

A análise do filme *The Normal Heart* e o contato com outras obras cinematográficas sobre a temática aids, nos ajudou a compreender as dificuldades enfrentadas pelos primeiros pacientes debilitados pela síndrome. Entre os desafios dos primeiros pacientes estava o forte preconceito que sofriam, por conta de uma doença que tinha como forma principal de transmissão, o sexo. Além disso, a sexualidade foi apontada como a causa da doença, mas principalmente a sexualidade tida como fora dos padrões. De forma que, a homossexualidade foi apontada por muito tempo como a causadora da síndrome, o que tornou a compreensão e busca por um tratamento da doença mais difícil.

O contato com os filmes e o documentário despertaram o interesse pela temática da história da aids nos Estados Unidos e Brasil. A pesquisa nos revelou as dificuldades dos primeiros pacientes, principalmente de homossexuais<sup>3</sup> masculinos. Houve um desinteresse das autoridades governamentais no início da síndrome, por acreditarem não ser grave, já que era uma doença associada a um grupo minoritário principalmente os *gays*<sup>4</sup>, negligenciando cuidados importantes a serem passados à população e para os soropositivos.

A imprensa passou a noticiar os primeiros casos da misteriosa síndrome de forma sensacionalista. Os primeiros casos foram notificados em 1981 na Califórnia. No Brasil como apontou a revista *Veja* (1985), a primeira vítima brasileira morreu em Nova York em 1983.

<sup>1</sup> AIDS (acquired immunodeficiency syndrome) ou SIDA (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) (ARRAES, 2015 p. 17).

<sup>2</sup> O Coração Normal: o filme é ambientado no ano de 1981. Uma doença misteriosa se alastra pelos Estados Unidos, com alto grau de mortalidade. Como a imensa maioria é homossexual, ela logo é apelidada de "câncer gay" e, por preconceito, não recebe a devida atenção do governo norte-americano. Decidido a fazer com que as pessoas tomem conhecimento sobre a epidemia causada pela aids, o escritor Ned Weeks (Mark Ruffalo) decide ir aos diversos veículos de comunicação para falar sobre o tema. Entretanto, a raiva contida em suas declarações assustam até mesmo seus colegas na organização não-governamental que presta auxílio aos infectados. Ao seu lado, Ned conta apenas com o apoio da médica Emma Brokner (Julia Roberts), que também está alarmada com a gravidade da situação. (THE NORMAL HEART, 2014 disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-184653/>> acesso em: 15/05/2017).

<sup>3</sup> “O termo homossexualidade é o mais utilizado para se referir aos sujeitos do mesmo sexo que se relacionam afetivamente e sexualmente” (ARRAES, 2015 p. 18)

<sup>4</sup> O termo *gay* foi criado para apagar a carga psiquiátrica por trás da palavra homossexual. Assim, *gay* é um termo politizado e menos estigmatizante que remete a militância. (ARRAES, 2015 p. 97).

Trata-se de um costureiro popularmente conhecido por Markito, descrito por jornais americanos como o primeiro grande nome vítima da doença.

Muitos jornais e revistas do Brasil noticiavam as novidades que vinham dos Estados Unidos e os primeiros casos sobre a aids, anunciado como: “perigo gay” (FREITAS, 1983); “O vírus gay” (AUGUSTO, 1983); “Doença das bichas já tem vírus detectado” (DOENÇA... 1983), “Síndrome gay pode ter causado outra vítima” (SÍNDROME... 1983). Esses foram alguns títulos de matérias utilizados pelos jornal *Tribuna da Imprensa* do Rio de Janeiro para informar seus leitores, sobre os primeiros desdobramentos da aids pelo mundo.

Desta maneira, as matérias de jornal davam a entender que essa doença não seria um risco para as pessoas que não faziam parte deste grupo. Não se tratava de destacar a prática de risco (sexo sem proteção) mas sim de “grupos de risco”, ou seja, homossexuais, prostitutas, e usuários de drogas injetáveis. Sendo assim, muitas pessoas acreditavam na época que estariam imunes a doença, pelo fato de não serem homossexuais e ou estarem inseridas nos grupos de risco. Nos Estados Unidos esse preconceito também era visível, já que o governo demorou muito para investir na busca da cura pela doença, por se achar que ainda estava atingindo um grupo pequeno de pessoas.

No Brasil, logo que surgiu os primeiros casos da doença, não demorou para que ocorresse o discurso de determinados setores da sociedade, contrárias à prática homossexual, para levantar bandeiras preconceituosas, a fim de afirmarem que a “peste” seria uma praga divina.

No livro *Imagens Veladas*, da jornalista Rosana de Lima Soares, há uma análise do surgimento da doença e da atuação da imprensa,

É interessante notar que as mídias não divulgaram os conceitos de “comportamento de risco” e “vulnerabilidade” com a mesma intensidade com que divulgaram o conceito de “grupos de risco”, e nem a própria sociedade os incorporou tão largamente. Ainda hoje, quando se pensa em prevenção, parece que a maioria das pessoas se coloca como não estando inseridas nos chamados “grupos de risco” – o que se isentaria de qualquer relação com a aids. (SOARES, 2001, p. 82)

Como destaca Soares, o que podemos perceber nos periódicos analisados no início da doença em 1983, é que eles se preocuparam em destacar os chamados “grupos de riscos” o que ajudou a disseminar o preconceito entre a população, ou reproduzir estes preconceitos, já que neste período houve políticas públicas a fim de evitar doações de sangue de pessoas homossexuais, sendo assim, procurou-se enfatizar que todas as pessoas que eram gays estavam com um risco maior de adquirirem a doença pelo único fato de serem homossexuais,

embora haviam pessoas que poderiam ter uma relação estável e não correrem o risco de contraírem a aids, mas isto não foi pauta dos jornais de grande circulação.

Ainda segundo Soares, esses conceitos de “grupos de risco”, que surgiram nos Estados Unidos e foram reproduzidas aqui no Brasil, só foram substituídos por “comportamentos de riscos” a partir dos anos de 1985, quando passou a ficar claro nos meios científicos que a aids poderia atingir qualquer pessoa que praticasse sexo sem proteção, ou utilizasse seringas não esterilizadas, ou até fizesse transfusões de sangue sem cuidados específicos.

Como salientou a doutora em linguística Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi (2001) a construção de imaginários sociais não caem do céu, são constituídos através do confronto do simbólico e do político. Além de que, é através da análise de discursos que poderemos desconstruir alguns imaginários prontos. Na busca incessante do culpado pelo surgimento da síndrome, algumas hipóteses foram levantadas, pois, como destacou o historiador Ítalo Tronca (2000) nenhuma sociedade quer levar o crédito pelo início de uma epidemia ou catástrofe social.

Em suma, o “perigo” é construído como se viesse sempre do “exterior”, tanto para a lepra como para a aids. No caso desta última, durante a década de 1980, sua história ainda incipiente registra uma série de acusações cruzadas: os norte-americanos atribuíam aos negros africanos ou aos haitianos a disseminação da síndrome entre os gays da Califórnia e de Nova York; os soviéticos, alemães e franceses, por sua vez, responsabilizavam os ianques pela introdução do HIV em seus países, todos respaldados por teorias epidemiológicas que mal conseguem disfarçar seus pressupostos fundados seja no preconceito racial, seja na ideologia política. (TRONCA, 2000, p. 42)

Na busca pelo culpado, destaca-se alguns jornais americanos que noticiavam *Gaetan Dugas* como sendo o paciente zero, “o *New York Post* anunciava em manchete: “o homem que nos deu a aids”” (TRONCA, p. 133, 2000). O jovem seria o responsável pela transmissão desenfreada da doença, já que o canadense era um comissário de bordo e admitiu ter transado com muitos homens de diferentes países, tendo sido um dos primeiros a desenvolver a síndrome da aids. Segundo Tronca, esta hipótese hoje não é mais aceita pela comunidade científica.

O médico Dráuzio Varella (1989) aponta as novas características de uma epidemia dos tempos modernos, ele acredita que a aids foi transmitida dos Estados Unidos à Europa, pelo fato de os casos cronológicos apontarem para isso. A transmissão desenfreada só seria possível com o apoio da tecnologia, com voos internacionais e o crescimento da globalização,

a mesma tecnologia que serviu para estudar a doença também ajudou a espalhá-la aos países em pouco tempo.

Alguns trabalhos já foram desenvolvidos buscando compreender a relação entre os periódicos e o surgimento da aids na sociedade, podemos destacar “*Imagens Veladas: aids, imprensa e linguagem*” de Rosana de Lima Soares (2001), além de “*Comunicação e Mídia Impressa*” de Antônio Fausto Neto (1999), assim como a tese *Nós e o Que Falavam De Nós: Subjetividades e Discursos Jornalísticos – Hiv/Aids em Criciúma (1986-1996)* de Adílio Luiz da Silveira Neto. Autores que trabalharam a relação aids e imprensa em diferentes locais e que apontaram características da forma de fazer jornalismo. Assim como o trabalho “*Entre o desejo e a culpa: a transformação do comportamento sexual e as mudanças da noção de risco nas campanhas de prevenção à aids no brasil (1981-2013) e estados unidos durante a década de 1980*”, de Grazielle Regina de Amorim Arraes, que foram autores que serviram de referência para o desenvolvimento desta monografia.

Entre as fontes jornalísticas analisadas para elaboração deste trabalho, detalharemos o papel de dois importantes veículos de comunicação da época, o jornal *Tribuna da Imprensa* do Rio de Janeiro e a *Revista Veja* com sede principal no Rio de Janeiro mas com circulação nacional. Utilizaremos dez reportagens informativas de cada periódico do período entre 1982 e 1985.

O objetivo deste trabalho não é apenas comparar a forma como cada jornal ou revista trabalhou o desenrolar dos acontecimentos da aids, nem enumerar com que frequência esses periódicos trabalhavam o caso, mas sim analisar e perceber como a imprensa divulgava esses fatos, os primeiros casos, as formas de transmissão, faremos uma análise de discurso praticado por estes periódicos.

Como objetivo de analisar os discursos utilizados para descrever a aids perante seus leitores, utilizaremos dos estudos de Orlandi (2001), onde descreve as principais características para analisar essas fontes jornalísticas. Sendo assim a autora destaca:

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata de discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, pratica de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2001, p. 15)

Com a ideia de discurso como uma fala em movimento, buscaremos entender a forma com que a aids foi apresentada a seus leitores, tendo em vista que uma das premissas para análise de um discurso é a compreensão de que o discurso em si transforma o meio em que ele

se insere. Assim, Orlandi destaca que a análise do discurso busca compreender a língua enquanto trabalho simbólico e essa transformação que ela causa ao homem e ao meio em que ele vive.

Como destaca a historiadora Tania Regina de Luca (2005) por muito tempo as fontes jornalísticas não eram vistas como fonte primária, mas geralmente como fonte de apoio, sendo que este foi um processo lento e que transformou a forma como o campo da história vê hoje os periódicos, principalmente com o aumento significativo de fontes e temáticas a serem trabalhadas na área das ciências humanas.

É importante salientar o papel destes periódicos perante a sociedade e o que os mesmos representam, para que assim possamos entender a importância de como esses veículos de informação repassavam os acontecimentos da aids para a sociedade. Como destaca de Luca, precisamos perceber muito mais do que o que estava sendo noticiado, pela forma como ela era noticiada.

Os debates ultrapassaram as fronteiras dos novos objetos, abordagens e/ou problemas e introduziram outras fissuras no trato documental. Como assinalou o historiador Antoine Prost, alterou-se o modo de inquirir os textos, que ‘interessará menos pelo que eles dizem do que pela maneira como dizem, pelos termos que utilizam, pelos campos semânticos que traçam’ e, poderíamos completar, também pelo interdito, pelas zonas de silêncio que estabelecem. (DE LUCA, 2005, p. 114).

Um dos grandes desafios de quem trabalha com periódicos é perceber os sentimentos por trás de cada jornal, revistas etc. Soares destaca “As narrativas jornalísticas, portanto, não podem ser consideradas como meras descrições de acontecimentos ou processos” (2001, p. 39), é necessário uma leitura criteriosa e que busque entender os acontecimentos que cercam determinado jornal. E esse trabalho de leitura precisa ser feito com muita atenção por quem trabalha com este tipo de material (fontes impressas), perceber quem escreveu, e para quem era escrito tais matérias.

Trabalhar com os periódicos abriu este leque de possibilidades aos historiadores e pesquisadores como destaca de Luca (2005), as práticas culinárias, o corpo, as festas, os filmes, os jovens, as mulheres, as crianças, aspectos do cotidiano, ou seja, com os periódicos passando a serem a fonte primária e não mais apenas de apoio, abriu-se uma possibilidade maior para que os historiadores desenvolvessem suas pesquisas.

Outro autor que defende o uso de fontes escritas como um documento histórico e de análise é o historiador Durval de Albuquerque Junior (2012), onde os discursos e pronunciamentos, são importantes para a nova história, e pensar nas possibilidades em que esses documentos podem nos ajudar a entender o contexto da época em que está sendo feito

análise e a mudança que ocorreu na forma com que os historiadores passaram a olhar para estes documentos.

Os discursos e pronunciamentos passam, nas palavras de Le Goff e Foucault, de documento a monumento, ou seja, deixam de ser visto como algo que traz em si mesmo o passado, como aquilo através do qual se interroga como foi o passado, para ser interrogado quanto a sua própria produção. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2012, p. 234)

Sendo importante nessa análise segundo o autor, fazer uma relação com o meio em que este documento foi produzido e mais importante, entender que as formas de produção, desde uso de palavras, até a forma como eles foram escritos, possuem marcas de temporalidade e o historiador não deve cometer este erro de anacronismo. Sendo feito o que o autor chama de “análise externa” (2012, p. 236), que é exatamente vasculhar e perceber as influências externas que este documento sofreu, “Ao ser escrito, um texto obedece desde às regras gramaticais e a estrutura de uma dada língua em um dado momento de sua existência” (2012, p. 238). Albuquerque Junior portanto defende o uso deste documento mas faz uma ressalva ao pesquisador não olhar o documento como uma fonte que retrata a verdade, mas sim uma fonte complexa e que deverá ser analisada pelo analista com critério, metodologia e estar atento as influências externas que este documento sofreu.

Neste trabalho, encontraremos algumas metáforas, a escritora Susan Sontag (1989) em sua obra “*Aids e suas metáforas*”, trabalhou com os conceitos de metáforas no significado da palavra, ou seja, a utilização de palavras para descrever algo que necessariamente não é, assim podemos entender os primeiros anos da aids, sendo associada a um câncer muitas vezes pela imprensa. Além de que, para Sontag, a aids separou as pessoas em grupos humanos, criando os “grupos de risco” e carregou de culpa seus portadores e também, por vezes, fez revelar a identidade de pessoas que poderiam ter permanecidas ocultas não fosse a doença, principalmente na sua sexualidade.

A aids foi apresentada a sociedade segundo Sontag como um castigo aqueles que mantinham uma atividade sexual, antinatural ou compulsiva e, conseqüentemente, teriam uma sentença não apenas de morte, mas uma morte desumanizadora. Afinal a sociedade já tratou a relação com a doença em tempos anteriores como um castigo divino, por exemplo, “Para os gregos, a doença podia ser gratuita, mas podia também ser merecida”, (1984, p. 57), a autora destaca ainda, com a dominação do cristianismo no mundo ocidental, a doença pode ser vista como “um castigo justo e particularmente adequado” (1984, p. 57), a todos aqueles que

transgridam os preceitos morais do cristianismo, no caso específico da aids, seria a relação extraconjugal, ou homossexual.

Nosso trabalho consiste em analisar as fontes jornalísticas que apresentam relações com a aids, perceber como a doença era apresentada para a sociedade e buscar problematizar as diferenças entre esses periódicos tendo em vista seu público alvo. “Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender (ORLANDI, 2001, p. 26), Sendo assim, a autora salienta a importância de se observar as ideologias que estão presentes nos discursos, já que “Não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia” (ORLANDI, 2001, p. 17). Além de que a autora explica, sendo a função de um analista de discurso não pensar a mensagem em si mas sim os discursos utilizado para transmitir esta mensagem.

Assim, cabe explicitar mesmo que brevemente sobre a história da revista *Veja*. A revista foi criada em 1968 pelos jornalistas Roberto Civita e Mino Carta, a revista tratou de temas variados de abrangência nacional e global. Entre os temas tratados com frequência estão questões políticas, econômicas e culturais, é uma revista de distribuição semanal brasileira publicada pela *Editora Abril*. A *Revista Veja* teve papel importante na história dos periódicos brasileiros é o que destaca de Luca (2005) já que foi a revista que rompeu significativamente com a tradição na época ao lançar uma revista semanal com informação variada e de alcance nacional, tratando dos mais diversos assuntos, atingindo o patamar de revista de variedades.

Apesar de não ser o foco da revista assuntos como tecnologia, ciência, saúde, medicina, ecologia e religião, esses assuntos são abordados em alguns exemplares, dando a revista um status de “variedades”. Com uma tiragem superior a um milhão de cópias, sendo a maioria de assinaturas, a *Revista Veja* é a revista de maior circulação nacional atualmente. Em 11 de setembro de 1968, foi lançada a primeira edição da revista, então batizada de *Revista Veja*. Tendo como manchete de capa "O Grande Duelo no Mundo Comunista". (VEJA, 1968).

Outro veículo de comunicação que foi analisado neste trabalho foi o jornal *Tribuna da Imprensa*, jornal diário e vespertino, fundado em 27 de dezembro de 1949 por Carlos Lacerda no Rio de Janeiro. Como destaca o historiador Carlos Eduardo Leal (2009) em seus primeiros tempos o jornal circulou com dez ou doze páginas. O jornal não se limitou a criticar a política econômica do governo, criticou também as greves estudantis deflagradas durante o ano, sempre que estas esboçavam alguma reivindicação de caráter nacionalista. Ainda segundo Leal, a *Tribuna da Imprensa* se opunha também a um suposto avanço de ideias

comunistas no país. Nesse sentido, o jornal conclamava o que considerava as forças democráticas a se unirem contra a expansão da União Soviética, em prol da paz universal. Em 1961, com dificuldades financeiras Carlos Lacerda vende o jornal a Manuel Francisco do Nascimento Brito, que em 1962 revende a Hélio Fernandes.

Nos primeiros anos da nova direção, o jornal manteve uma oposição sistemática ao governo de João Goulart. Em 31 de março de 1964 quando Jango foi deposto presidente do Brasil, o jornal apoiou o movimento militar que depôs o presidente Goulart, entretanto, a partir dos primeiros anos do novo governo brasileiro, a *Tribuna da Imprensa* começou mais uma vez a fazer oposição ao governo militar, sendo que na época muitos setores da imprensa apoiaram o movimento dos militares, mas que depois limitados com a atuação da censura começaram a se afastar do novo governo. “Não há como deixar de lado o espectro da censura. Em vários momentos, a imprensa foi silenciada, ainda que por vezes sua própria voz tenha colaborado para criar as condições que levaram ao amordaçamento” (DE LUCA, 2005, p. 129).

Esses periódicos irão nos ajudar a entender o papel da imprensa na sociedade em que ela está inserida. Além de que, com nosso trabalho, desejamos contribuir com o combate ao preconceito, tendo em vista as dificuldades ainda presente em desconstruir a ideia de que a aids seria uma síndrome de determinado grupo.

Entendermos a aids para o período em questão (1982 – 1985), e como os periódicos levantados trataram-na perante seus leitores, serão os desafios que enfrentamos na realização deste trabalho.

O presente trabalho será dividido em três capítulos, onde na primeira parte destacou-se o surgimento da aids, a descoberta do vírus HIV, o processo de disseminação entre a população global e a tentativa de entender como essa epidemia alterou a vida de muitas pessoas após o diagnóstico da aids, o aumento da expectativa de vida com o desenrolar dos anos e os tratamentos e prevenções.

Para o segundo capítulo buscou-se trabalhar as publicações da *Revista Veja* com relação a aids, como se deu estas informações a seus leitores, como a revista trabalhou o conteúdo das doenças relacionadas a síndrome e quais as formas que foram utilizadas para informar seus leitores.

Buscou-se entender o papel desempenhado pela revista na sociedade, qual sua importância e sua história, e assim entender o nível de alcance que ela tem entre a população,

e sua relação com o meio em que está inserida, para assim entendermos melhor como ocorreu a seleção dos conteúdos e termos utilizados para divulgar as informações.

Por fim, no terceiro capítulo, fizemos o trabalho de análise das fontes com as reportagens do jornal *Tribuna da Imprensa* do Rio de Janeiro, sobre como essas matérias noticiaram a aids no Brasil, como elas informavam os primeiros casos para seus leitores. Além disso, buscaremos informar a história do jornal, alcance, leitores e influências que ele supostamente exercia sobre a sociedade carioca. As reportagens selecionadas serão as informativas.

As fontes estão todas digitalizadas: as da revista *Veja* estão digitalizadas em seu próprio acervo digital, contendo todas as edições desde 1968 e as fontes do jornal *Tribuna da Imprensa* estão todas digitalizadas no site *Biblioteca Nacional Digital Brasil*, desde sua primeira edição em 1949 até a última em 2008.

## 2 AIDS: UMA EPIDEMIA DO SÉCULO XX

Quando surgiu a aids em meados de 1980 nas principais cidades dos Estados Unidos, muitas dúvidas surgiram entre a população, a principal talvez fosse, as formas de transmissão. Essa ideia de nova epidemia segundo Tronca (2000), faz contraste com a globalização e a imprensa escrita, fruto de uma globalização com tecnologias avançadas divulgava os fatos quase com a mesma sincronia com que eles iriam acontecendo, o que se por um lado mantinha a população informada, tendo mais acesso a informação, também gerou uma série de publicações com fatos que podiam gerar mais dúvidas, como veremos adiante na análise das matérias do jornal *Tribuna da Imprensa* e a da revista *Veja*.

### 2.1 O SURGIMENTO DA AIDS

Desde os primórdios na Mesopotâmia, quando a medicina passou a ser descrita e catalogada afim de registrar seus avanços e no Egito Antigo, quando a medicina era relacionada com as divindades, já que os faraós eram vistos como divinos, até mesmo durante a Idade Média, quando houve um controle pela Igreja Católica acerca dos processos de cura, a medicina sempre proporcionou as pessoas a esperança de que encontrariam a cura de todos os males presentes na sociedade.

A medicina buscou proporcionar ao ser humano a esperança de que encontrariam a cura de todos os males presentes na sociedade e em determinado momento a ciência chegou a acreditar que evoluíra a ponto de solucionar todos os problemas virais da humanidade “[...] em 1969, o diretor Nacional de Saúde dos Estados Unidos disse a nação norte-americana que o livro das doenças infeccionadas estava fechado: a guerra antimicrobiana fora vencida” (PORTER, 2004, p. 36). Se alguns anos antes a medicina acreditava ter encontrado a cura para todas as doenças, a aids surgida no início dos anos de 1980 para derrubar essas teorias e mais, lançou um grande desafio para o século XXI: encontrar a cura para o vírus HIV, o que hoje apenas há tratamento paliativo, embora no Brasil o apoio aos portadores do vírus HIV\Aids seja um dos melhores do mundo segundo dados do ministério da saúde<sup>5</sup>, o que garante uma expectativa de vida longa a maioria dos pacientes.

---

<sup>5</sup> “Criado em 1986, o Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais tornou-se referência mundial no tratamento e atenção a aids e outras doenças sexualmente transmissíveis. Ligado à Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde, o Departamento trabalha para reduzir a transmissão do HIV/aids e das hepatites virais e

Como o historiador Roy Porter (2004) destaca “[...] as epidemias surgiram com a sociedade, e a doença foi e continuará a ser um produto social, tanto quanto a medicina que luta contra ela. A civilização não traz apenas mal estar, mas também doenças” (PORTER, 2004, p. 15). Em contrapartida, com a domesticação da agricultura e dos animais, houve um aumento populacional, mas também em relação a doenças virais, Como Porter (2004) destaca, o ser humano entrou em contato com agentes patogênicos que antes eram restritos a animais. “Portanto o assentamento permanente trouxe oportunidades de ouro para os insetos, vermes e parasitas” (PORTER, 2004, p. 20). Porter explica a relação entre organismos humanos e vírus que os afetam, como a vida nos assentamentos cada vez maiores com a domesticação de plantas e animais e o início da globalização a partir do século XV, com a união entre os povos do novo e do velho mundo, contribuíram para que novas doenças surgissem e assim um vírus que para determinado povo era inofensivo poderia ser letal para outra sociedade.

A vinda de Colombo à América foi letal para as populações que viviam aqui já que colocou os povos indígenas em contato com doenças que o sistema imunológico não estava preparado. Desta forma, as “armas e os germes permitiram que minúsculas forças europeias conquistassem metade de um continente” (PORTER, 2004, p. 29), em contrapartida esses europeus quando voltaram a seus países de origem levaram consigo possivelmente outras doenças que fatalmente matariam uma grande parte da população europeia: entre estas doenças estaria a sífilis.

A sífilis<sup>6</sup> assim como a aids é uma doença que geralmente é transmitida através do contato sexual, embora a primeira seja causada por uma bactéria e a segunda por um vírus. Ambas são difíceis de serem controladas, não apenas por serem transmitidas por contato sexual, até por que as práticas de prevenção hoje já são de conhecimento público, mas pelo fato de que as pessoas podem não saber que são portadoras, principalmente nos estágios iniciais.

A sífilis, desde o século XV até as sociedades modernas, vem ceifando vidas e com a globalização acelerou-se a disseminação de todas as doenças pelo mundo. Para Porter (2004), a Idade Moderna trouxe consigo a urbanização, a industrialização, e assim, a vida urbana, as pessoas acabaram muitas vezes vivendo nas indústrias e locais pouco arejados e estes locais

---

promove a qualidade de vida dos pacientes.” Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pagina/o-departamento>. > acesso em 10/01/2017.

<sup>6</sup> A sífilis é uma doença provocada por uma bactéria (*Treponema Palidum*), transmitida sexualmente, que durante os séculos XIX e XX suscitou em várias sociedades, na Europa e na América (Estados Unidos e Brasil) (ARRAES, p. 33, 2015)

se tornaram propícios para que novos parasitas sobreviessem entre a população e assim as doenças conseguiram passar por gerações, se modificando e fazendo cada vez mais vítimas.

A aids tornou-se um problema de saúde pública na década de 1980. Nos primeiros anos da doença, houve uma resistência por parte do governo estadunidense de falar abertamente da doença, já que se espalhou a crença de que a ela só afetaria um determinado grupo social, os homossexuais. Como destaca a historiadora Grazielle Regina de Amorim Arraes (2015), durante o mandato (1980-1988) do presidente estadunidense Ronald Reagan, conhecido por ser republicano e conservador só deu atenção a epidemia da aids no final do seu governo devido à pressão popular.

Até as primeiras descobertas científicas, houve muitos boatos sobre a doença e que precisaram ser desmistificadas com o passar dos anos. No filme *Filadélfia* (1993), o personagem interpretado por Tom Hanks, homossexual, trabalha em uma empresa de advocacia e acaba sendo demitido em meio ao tratamento da aids. Ele entra com uma ação judicial afirmando que a demissão ocorreu por ele ter apresentado os sintomas da doença. A defesa da empresa utiliza os argumentos de que outra funcionária também possuía a doença e não havia sido demitida. Esta funcionaria teria contraído o vírus HIV através de uma transfusão de sangue, ou seja sem culpa alguma. O filme trabalha essa questão da culpa, julgamentos e preconceitos enfrentados pelos primeiros pacientes da aids.

Quando surgiu os primeiros casos de aids, os mais afetados foram os homossexuais masculinos, o que levantou algumas hipóteses sobre transmissão restrita aos homossexuais. Muitos cientistas eliminaram a ideia de contágio por ar ou contato e começaram a pensar no contágio através do sexo. E, conseqüentemente, através das características destes primeiros pacientes, fez com que o termo “câncer gay” fosse adotado.

A palavra câncer remete ao fato dos primeiros pacientes apresentarem manchas vermelhas pelo corpo ocasionado pelo sarcoma de Kaposi e também a palavra gay é adotada para designar os homossexuais, até então o grupo mais afetado inicialmente pela doença. “O termo gay foi criado para apagar a carga psiquiátrica por trás da palavra homossexual. Assim, gay é um termo politizado e menos estigmatizante que remete a militância” (ARRAES, 2015, p. 97). A autora destaca também que a década de 1970, foi uma década de avanços nos direitos dos homossexuais, na busca de acabar com a ideia de homossexualidade como uma doença. Segundo a autora, algo que ocorre somente em 1990 quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) retira a homossexualidade da lista de doenças mentais.

Com o aumento do número de casos, o pânico se espalhou entre as pessoas, muitas informações incoerentes sobre a doença foram divulgadas. Cada vez mais foram se tornando importante as políticas sociais de combate à doença, principalmente de conscientização a prevenção. Entretanto a imprensa, muitas vezes participou na divulgação de informações de forma sensacionalista, preocupada mais com os fins comerciais.

A comunidade científica destacou e criou o chamado grupo de risco, Soares (2001), destacou que naquele momento parecia haver uma necessidade em isolar determinado grupo social para alertar a população de que a aids não afetaria todas as pessoas e nem mesmo seria um risco de saúde pública. Embora para a época as informações ainda eram muito preliminares e os índices de casos estavam quase restritos aos homossexuais masculinos, o foco principal ficou nesse grupo social.

Houve uma pressão dos grupos mais afetados pela falta de apoio do governo no início da década de 1980 nos EUA, assim como os laboratórios de pesquisa demoraram para iniciar suas pesquisas, o médico Robert C. Gallo faz uma auto defesa: “Mais tarde foi sugerido que o sistema de pesquisa (do qual eu fazia parte) havia sido lento demais em mostrar interesse pela doença porque aparentemente ela afetava basicamente a comunidade homossexual” (GALLO, 1994, p. 64)

Segundo o autor, “essa maneira de pensar mostra uma falha em entender como os cientistas escolhe o tema de seus trabalhos” (1994, p. 66) e destaca que os cientistas escolhem seus trabalhos visando a capacidade de resolver problemas, além de atenderem sempre a necessidades da sociedade.

Com o avanço científico no início dos anos 1980, acreditava-se que era questão de tempo para encontrar a cura da doença, o que hoje se mostra uma batalha constante de prevenção e conscientização por parte das pessoas. O médico Luc Montagnier dizia isso em 1995, “A rapidez desse avanço conseguiu gerar a crença de que a luta contra a AIDS seria uma guerra relâmpago, rapidamente ganha. Hoje, é uma guerra de posição que travamos” (MONTAGNIER, 1995, p. 9), e podemos perceber que o século XXI iniciou com um controle maior da doença e os avanços da medicina fizeram com que as pessoas consigam viver com o vírus HIV ou a aids por um período maior.

Para a médica Deise de Souza (2011), as cidades estadunidenses mais afetadas pelo surgimento da doença foram São Francisco e Nova York, pois apresentavam pacientes com o sarcoma de Kaposi, pneumonia por *Pneumocystis carinii* e comprometimento do sistema imunológico, o que levou à conclusão de que se tratava de uma nova doença, ainda não

classificada. Segundo a autora essa nova doença afetou a princípio os homossexuais masculinos e assim a associação entre aids e homossexualidade fosse quase como algo natural e, sendo esses os mais afetados, foram esses também os primeiros a pressionarem o governo e os centros de pesquisas a irem em busca da cura.

Foram os homossexuais que se organizaram, até mesmo por uma questão de sobrevivência, para pressionar governos e órgãos responsáveis pela saúde pública a agirem em relação à epidemia da aids. Soares traz as modificações no tratamento da doença desde o momento que ela surge até 2001, ano em que ela fez o levantamento, e suas definições médicas por parte dos programas de tratamento a aids.

a) período da descoberta (1981 – 1984), quando se falava em fatores de risco associáveis a então nova doença, que, entretanto, rapidamente deixaram de ser categorias analíticas abstratas para se transformarem em categorias concretas associadas a agrupamentos sociais específicos, os chamados grupos de riscos, b) períodos das primeiras respostas (1985 – 1988) momento em que a AIDS já não se restringia a fronteiras geográficas, étnicas ou sociais específicas, configurando-se em uma pandemia e, portanto, não sustentava mais a concepção de “grupos de risco” e seu lugar surgiu a expressão “comportamento de risco” (...) c) período atual (1989 – atual) em que o conceito de vulnerabilidade (altamente difundida na América Latina nos anos 70) é retomado com novo significado – de suscetibilidade dos indivíduos e grupos sociais a agravos ou riscos em relação a doenças-, sendo definida a partir de três planos interdependentes de determinação: comportamento pessoal (ou vulnerabilidade individual), contexto social (ou vulnerabilidade social) e programa de prevenção (vulnerabilidade programática) (SOARES. 2001, p. 81-82)

Embora a imprensa destacou nos primeiros anos os conceitos de “grupo de riscos” em larga escala em seus periódicos, os conceitos de “vulnerabilidade” e “comportamento de risco” não foram destacados com tanta força nos anos posteriores e nem mesmo a sociedade os incorporou com tanta frequência.

Havia uma certa resistência por parte dos governos em financiar investimentos na busca da cura da doença, um dos fatores que levou a muitas pessoas a acreditarem num avanço concreto no combate ao vírus HIV, ocorreu em 1985, com a morte da primeira celebridade de Hollywood, vítima das complicações causadas pela aids, o ator estadunidense Rock Hudson.

Até então, a doença era um mal associado aos grupos dos homossexuais, o ator que interpretou vários papéis no cinema americano como galã, era amigo pessoal do presidente americano Ronald Reagan (1911- 2004), que ficou muito transtornado com a morte do ator, e assim como descreve a Revista Veja (VEJA, 1985), começou a ganhar destaque nacional as campanhas contra a aids, tendo ainda Rock Hudson deixado em testamento que sua mansão fosse leiloada e o dinheiro doado em busca de tratamento da cura da aids.

Houve também em cidades mais afetadas um número grande de pacientes que apresentavam o câncer sarcoma de Kaposi, de forma que Robert C. Gallo e sua equipe de pesquisas buscaram descobrir a relação deste tumor com a aids.

Como os tumores malignos são habitualmente encontrados no interior de um ou mais órgãos internos, alastram-se invisivelmente, poupando o paciente e outras pessoas do horror psicológico adicional de vê-los crescer. Já o sarcoma de kaposi aparece na superfície da pele, na boca ou em outras aberturas visíveis do corpo, O sarcoma de Kaposi (ou KS), descrito pela primeira vez em 1872 pelo dermatologista austríaco Moricz Kaposi, sempre foi um tumor raro e mesmo desconhecida por alguns médicos até surgir o recente impacto da AIDS. (GALLO 1994, p. 258)

O sarcoma de Kaposi era uma doença que já havia sido descoberta em 1872, mas voltou com força em 1980 juntamente com os primeiros casos de aids nos Estado Unidos e assim era uma forma visível de detectar pessoas com a síndrome, fazendo com que estas primeiras pessoas tivessem uma enorme dificuldade em encarar uma vida social.

Falar em aids é correlacionar a doença com sexualidade, embora o modo de transmissão sanguínea do vírus HIV seja possível, o modo de transmissão foi e é motivo de muitas dúvidas pelas pessoas e conseqüentemente há um certo preconceito sobre a síndrome, pois o ato sexual é dominante na transmissão da doença, ou seja, apenas se transmite através de ato sexual desprotegido ou compartilhamento de seringas e sangue.

Em 1984, tinha então a nomenclatura do que hoje chamamos de aids (*Acquired Immunodeficiency Syndrome*) Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, conhecida por debilitar o sistema imunológico, em que doenças oportunistas atingem a sujeito contaminada” (ARRAES, 2015 p. 101).

Ainda que muitas vezes nos confundimos com essa diferença entre portador do vírus HIV e pacientes com a síndrome da aids, isso mostra a dificuldade em se saber o número exato de infectados, já que muitas vezes as organizações da saúde possuem dados de pessoas com a síndrome da aids e como alguns pacientes podem estar portando o HIV sem apresentarem sintomas. Acerca desta dificuldade em compreender a síndrome, a autora Sontag (1989), aponta que mesmo quando o portador do HIV não apresenta sintomas da aids ele já é tratado como paciente. Além disso, busca-se fazer cálculos a quantificar quantas pessoas estariam com o HIV, e esses cálculos são refeitos periodicamente, para a época muitas vezes sem nenhuma cientificidade, aumentando assim, a gravidade da epidemia, ou alimentando o imaginário da sociedade.

“Primeiramente a AIDS é uma *síndrome*: Do grego *syndromé*, expressa o significado de concurso, ou seja, a circunstância de se encontrarem juntas duas ou mais coisas.” (SOARES, 2005, p. 80). Ou seja como a autora destaca para que um paciente venha a óbito são necessários vários fatores, por isso um paciente não morre da aids, mas de várias doenças que vão ocorrendo no sistema de cada indivíduo enquanto o sistema imunológico do paciente está enfraquecido, “O termo adquirida refere-se a forma pela qual se instala essa imunodeficiência – através de um retrovírus, o HIV: o Human Immunodeficiency Vírus”. (SOARES, 2005, p. 80)

Segundo Varella (1989), os primeiros casos de aids no Brasil surgiram no início da década de 1980. Ninguém sabia ao certo que doença era aquela, mas desde 1980, notícias chegavam dos Estados Unidos sobre um câncer que estaria atacando o sistema imunológico das pessoas, fazendo com que doenças geralmente fracas o suficiente para serem combatidas pelo próprio organismo se tornassem problemas letais, muitas vezes as informações sobre transmissão e prevenção eram ignoradas destas “notícias”.

Após 30 anos da chegada da aids ao Brasil e da divulgação dos primeiros casos da doença e das imagens dos seus primeiros pacientes nos hospitais, provocou entre a população um forte impacto e um medo de uma nova e desconhecida doença, associada a uma experiência dolorosa e que provocava a morte rápida e inevitável.

## 2.2 HIV: A DESCOBERTA DE UM NOVO VÍRUS

Segundo Montagnier (1995), o HIV diferentemente da aids pode estar no organismo de um paciente sem sintomas, ele fragiliza e vai destruindo os glóbulos brancos, que são as células que fazem a defesa do organismo do nosso corpo contra as doenças. Quando esse vírus entra no corpo e começa a atacar os glóbulos brancos muitas vezes o paciente não percebe que está infectado. A pessoa que tem o HIV no corpo, mas não apresenta sintomas, é chamada de portadora. Quando a pessoa é soropositiva ela fica suscetível a várias doenças oportunistas, e a pessoa pode ser considerada uma portadora da aids, diferentemente do que era pensada no início não faz distinção de orientação sexual ou cor, ela ataca qualquer ser humano que for exposto ao vírus.

Quando, em 1983, o vírus causador da aids foi isolado, criando assim possibilidades de, anos depois surgir os primeiros testes comerciais, muitos médicos e pesquisadores acreditavam que a batalha contra a aids seria facilmente vencida, o que se mostrou depois, na verdade, foi uma luta longa e dolorosa, principalmente entre os portadores.

Em 1981 a doença foi identificada. Em 1983 o agente responsável por ela foi isolado pela primeira vez. Em 1984 a demonstração do papel causal desse agente na AIDS foi aceita por toda comunidade científica. Em 1985 surgiram os primeiros testes comerciais de detecção. A rapidez desse avanço conseguiu gerar a crença de que a luta contra a AIDS seria uma guerra relâmpago, rapidamente ganha. Hoje, é uma guerra de posição que travamos (MONTAGNIER, 1995: 9)

O HIV foi descoberto e identificado em 1983, segundo Varella “O HIV (vírus da imunodeficiência humana), ao penetrar o organismo, provoca arrastado processo infeccioso” (VARELLA, 1989, p. 5). Para ele, esse processo tem diferentes estágios. O primeiro, é o portador do vírus, quando sem sintomas do paciente, podem ser transmitidas a outras pessoas. A segunda etapa é a Síndrome Linfadenopática, que representa pacientes saudáveis mas com aparecimentos de “ínguas” no pescoço, axilas, etc. A terceira etapa apresenta pacientes com sintomas como diarreia, febre, emagrecimento, entre outras, mas que ainda não caracteriza a existência da aids em si. E a última etapa é quando o paciente apresenta definitivamente a síndrome da deficiência imunológica adquirida e está em uma situação com muitas limitações físicas e motoras.

Os nomes de destaque na pesquisa para a descoberta do vírus da aids foram, o francês Luc Montagnier e o estadunidense Robert C. Gallo. Segundo Rocha (2007), em 1983 o vírus recebeu o nome de LAV e HTLV-II. Em 1986 o Comitê Internacional recomendou o uso do nome HIV (Vírus de Imunodeficiência Humana).

O HIV passa de uma pessoa infectada para outra através de quatro líquidos produzidos pelo nosso corpo, como: sangue; esperma (do homem); líquido da vagina (da mulher); e leite materno.

De acordo com Montagnier (1995), as formas de transmissão do HIV são, sexual, sanguínea, vertical e ocupacional. A contaminação via sexual se dá por contato sexual sem o uso de camisinhas, tanto em relação homossexual como heterossexual; o contágio sanguíneo ocorre geralmente por usuários de drogas injetáveis, quando o usuário compartilha a mesma seringa com outro indivíduo. Pode ocorrer contágio nas transfusões de sangue, mas esse processo em países industrializados é mais raro de ocorrer. Transmissão vertical, decorrente da exposição da criança durante a gestação, parto ou aleitamento materno, este tipo de contágio, e a transmissão ocupacional se dá quando pessoas que trabalham com pacientes com HIV e acidentalmente contraem o vírus.

O surgimento da aids ainda é sinônimo de muitas dúvidas, embora alguns cientistas acreditam que a doença surgiu em macacos na África, e assim através de algum acidente

genético tenha sido transmitido para os seres humanos. Como destaca Arraes (2015), de todas as hipóteses, a mais aceita é a que considera que o vírus SIV, um tipo de HIV presente em alguns chimpanzés, teria infectado o homem em algum momento.

No começo do século XX, os habitantes da selva africana tinham o costume de se embrenharem pela densa mata em busca da carne dos macacos. Durante a caça, muitos macacos apresentavam resistência e mordiam os predadores. Essa pode ser apenas mais uma de muitas hipóteses levantadas por estudiosos e cientistas em busca da descoberta do surgimento da aids. Fato é que, até hoje, esse assunto rende muitas histórias e hipóteses e, de concreto, ainda sobram dúvidas. O que ocorre é uma tradição antiga de civilizações rivais apontarem um ao outro como responsável pelo surgimento de alguma anomalia. Como cita Gallo (1994), “poucos gostam de receber crédito por ter originado uma nova doença” desde a “peste negra” na Europa medieval, até a *epidemia* de sífilis, sempre houve a necessidade de culpar o outro. No caso do surgimento da aids, houve europeus que responsabilizaram os americanos como responsáveis pela doença, como os americanos apontaram os africanos.

O que temos de fato é que, nos primeiros anos da doença, ocorreu uma associação aos macacos e chimpanzés africanos pelo fato de terem encontrado no início dos estudos desenvolvidos pelos cientistas Robert C. Gallo, da década de 1980, o vírus HIV em alguns animais, mas que os mesmos não desenvolviam a aids. De acordo com Varella (1989), não há como apontar a data exata da doença, o que se supõe-se é que o vírus tenha surgindo ainda no início do século XX em aldeias africanas e com o avanço tecnológico e a urbanização das grandes cidades esse vírus se espalhou apenas na década de 1970. O fato é que o vírus HIV faz parte do grupo dos retrovírus, seus parentes parasitas, primatas como o homem e também espécies de macacos.

Um dos primeiros casos registrados no continente americano apareceu no Haiti, no ano de 1978. Admite-se que trabalhadores haitianos, ao emigrar para a África, entraram em contato com o HIV. De volta ao Haiti, trouxeram consigo o vírus, Varella (1989). Essa hipótese levantada por Varella ainda destaca que as condições socioeconômicas e culturais do Haiti se assemelham com a África e isso foi fundamental para a propagação do vírus HIV na América.

Segundo Varella, o vírus SIV (Vírus da Imunodeficiência Símia), um vírus que ataca o sistema imunológico dos macacos, mas que não desenvolve a aids, a ação desse micro-organismo dava origem ao HIV, responsável pela Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. Em 1985, ainda, foi encontrado outro tipo de vírus causador da aids, logo, houve uma

separação entre HIV-1 e HIV-2. O segundo foi encontrado na África e tem quase as mesmas características do primeiro, a única diferença é de que “esse vírus era muito mais semelhante geneticamente com o SIV do que com o HIV” (VARELLA, 1989, p. 33). Sendo assim, o processo de incubação do vírus era mais lento e conseqüentemente as transmissões ocorriam sem que os pacientes apresentassem sintomas da doença.

Em 1983, os laboratórios começaram a trabalhar na fabricação de testes para detectar a existência do vírus HIV nos pacientes. Como destaca Montagnier (1995), o primeiro teste foi o *ELISA* (*Enzyme- Linked Immunosorbent Assay*), logo depois surgiu a técnica *Pesquisa dos Anticorpos*, e o teste *Western Blot de Confirmação*. Sendo assim, para saber com precisão se um paciente é soropositivo, muitas vezes o paciente é testado em duas amostragem, pois mesmo que ele faça o teste uma vez e seja positivo, é necessário fazer outro teste geralmente utilizando o *Western Blot de Confirmação*, pois muitas vezes o resultado pode dar um falso positivo.

Os relatos dos sintomas da aids eram comumente confundidos com algum tipo de pneumonia ou anemia profunda. Ao atingirmos a década de 1960, as várias guerras de independência no continente africano fizeram com que alguns infectados se refugiassem na Europa. A partir de então, o vírus da aids foi espalhado em novas regiões do planeta.

Arraes (2015) afirma que o surgimento da aids representou um momento crucial para a ciência, já que ela precisava descobrir as causas e conseqüências de uma nova doença e evitar que a mesma tornasse em uma nova epidemia. E assim a imprensa também participou neste momento com as divulgações destas novas descobertas, talvez pela primeira vez a ciência e a imprensa tinham algo tão desafiador em que ambas precisavam ser ágeis e inovadoras em suas respectivas áreas. Em um momento em que a humanidade estava cada vez mais globalizada e as notícias se disseminavam com mais rapidez.

Os efeitos de uma nova epidemia, não só quebraram paradigmas científicos, como também tornaram necessários que a mídia passasse a relatar casos e histórias. Além disso, a mídia passou também a publicar informações sobre a doença, levando as pessoas questões sobre a saúde, que até então, estava restrita ao meio científico (ARRAES, 2015 p. 95)

Como destacou Arraes, a imprensa foi importante neste processo de descoberta das causas e conseqüências da aids pela própria disseminação das informações, antes exclusivas ao meio científico, entre a sociedade em geral. O nosso objetivo foi analisar como ocorreu esta divulgação de informações perante a sociedade.

### 2.3 AIDS E PERIÓDICOS: A RELAÇÃO ENTRE A IMPRENSA ESCRITA E A CIÊNCIA.

É importante perceber que cada mídia tem uma estratégia de redação própria, possuindo várias variáveis que influenciaram no resultado final de cada manchete, comentário ou notícia. Afinal de contas, cada periódico dava o espaço que achava necessário para informar seus eleitores. E esse é um processo que, como destaca de Luca, toda pessoa que trabalha com periódicos sistemáticos, sempre terá essa dificuldade de perceber as relações que influenciam na forma como cada mídia desenvolve seus textos.

Sempre será difícil sabermos que influências ocultas exerciam-se num momento dado sobre um órgão de informação, qual o papel desempenhado, por exemplo, pela distribuição da publicidade, qual pressão exercida pelo governo. Ele endossou as palavras do historiador Pierre Renouvin, que insistia na importância crucial de se inquirir a respeito das fontes de informação de uma dada publicação, sua tiragem, área de difusão, relações com instituições políticas, grupos econômicos e financeiros, aspectos que continuavam negligenciadas seja pelos historiadores que recorriam a imprensa, seja pelos que se dedicavam a escrever sua história. (DE LUCA. 2005, p. 116)

Como destaca de Luca, por muito tempo, as fontes jornalísticas foram deixadas de lado por muitos historiadores não acreditarem na veracidade de suas palavras, mas o papel do historiador é perceber as influências externas em cada publicação.

Todos sabemos que esta percepção é algo difícil de ser feita, requer muita atenção e leitura por parte do pesquisador. Diante das fontes analisadas, buscaremos entender como a aids foi apresentada para os leitores desses periódicos.

Em relação aos periódicos que serviram como fonte para esta pesquisa, vale relembrar alguns fatos: os dois possuem uma gama alta de assuntos variados, ou seja, não possuem apenas um público alvo, como destacou de Luca, embora alguns folhetins e jornais já surgiam como o foco de moda, mulher, crianças, ou política, haviam muitos jornais e revistas que surgiam com a característica de variedades, ou seja, procuravam focar em todas as áreas sociais e, assim, neste contexto, podemos enquadrar a *Revista Veja* e o jornal a *Tribuna da Imprensa* do Rio de Janeiro.

Precisamos entender o contexto que elas estão inseridas e perceber suas relações exteriores. Os anos de 1982 a 1985, foram períodos em que o Brasil era governado por militares (governaram o Brasil de 1964 a 1985), que costumavam controlar e censurar o que era publicado pela imprensa, embora nestes últimos anos a imprensa brasileira já trabalhava com mais liberdade.

Nesse período, embora seja um período onde a imprensa no Brasil já havia se profissionalizado em larga escala, tanto na produção destes periódicos, quanto na forma da escrita, como destaca de Luca, expressa no declínio da doutrinação em prol da informação na ideia de profissionalização da profissão jornalística,

A ideia da profissão jornalística é a de informação. De forma que os jornais não deveriam estar carregados de sentimentos e doutrinação, deveriam ter o papel único de informar, embora de Luca indica as dificuldades de um periódico se manter imparcial, já que até mesmo a capa de um jornal, o conteúdo selecionado, a foto que vai ser colocada na capa deste material, já estejam carregadas de opiniões e sentimentos por parte do editorial. Por exemplo, a revista *Veja* apenas em 14 de agosto de 1985 coloca uma capa com destaque para a aids e, conseqüentemente, destaca: “A epidemia se espalha no Brasil” (AIDS, 1985). Somente após três anos de notícias a *Veja* decidiu colocar algo relacionado a aids em sua capa.

Após a década de 1980, década de descobertas no Brasil o ano de 1996 foi o divisor de águas para as políticas públicas de combate à doença. Devido ao tratamento aos portadores do vírus tornar-se público e gratuito, sendo assim, houve um aumento de expectativa de vida dos pacientes. Hoje o Brasil é um dos países que mais investe em saúde pública para combate e prevenção da aids,

Após 1996, com o tratamento oferecido pelo SUS, o Brasil passou a ter um marco na história da aids, pois o tempo de vida dos indivíduos infectados passou a aumentar devido aos coquetéis de medicamentos. Assim, nos anos 2000, o cenário da epidemia ainda preocupava pelos números de casos, porém, demonstrou que o perfil mortífero como existia na década de 1980, passou a não mais fazer parte do cotidiano dos sujeitos. (ARRAES, 2015, p. 96)

Hoje podemos perceber que devido ao avanço científico e dos coquetéis para controlar os malefícios da aids, a expectativa de vida das pessoas infectadas aumentou, pois assim, as pessoas podem levar uma vida social com menos preconceito, através de um aumento do incentivo aos exames para detectar a doença com antecedência por parte do governo e da sociedade com a criação do “Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, que passou a criar políticas de prevenção e tratamento das doenças sexualmente transmissíveis, além da aids” (ARRAES, 2015, p. 80). Além de uma conscientização por parte das pessoas de que a doença não afeta mais apenas um determinado grupo.

Arraes destaca que a cada década, a epidemia era associada a um determinado grupo social, isso ajudou na ideia de grupos de risco, ainda assim, na década de 1980, os culpados

pela doença eram os homossexuais. Depois, na década de 1990, as mulheres foram apontadas como as responsáveis, e isso esteve também muito ligado a ideia inicial de que casais heterossexuais estariam imunes a doença. E isso fez com que o HIV fosse disseminado mais ainda entre as pessoas. Como destacou Soares (2001), hoje, a ideia de grupos de riscos não é mais levada tão a sério como nos primeiros anos da doença, mas mesmo assim algumas coisas ainda perduram, como a proibição de doação de sangue por parte dos homossexuais, assim como usuários de drogas injetáveis.

Vejamos ainda que a aids trouxe à medicina moderna mais um desafio que se arrasta por anos e ainda assim a comunidade científica não conseguiu encontrar a cura total desta que, segundo Arraes (2015), fez com que a medicina ganhasse *status* de ciência e precisando se reinventar em busca da cura, sendo assim talvez a primeira epidemia em que a ciência teve que trabalhar e apresentar resultados ao mesmo tempo em que era noticiada em larga escala para a sociedade através da imprensa escrita. E, como veremos no capítulo seguinte, a aids foi noticiado na revista *Veja* e em outros tantos meios de comunicação e assim gerou mais dúvidas e pânico entre a população, curiosa por informação referente a esta possível nova epidemia.

### 3 A AIDS NA REVISTA VEJA

Como observamos anteriormente, a aids, além de causar muitas mortes, também causou muitas dúvidas entre a população. Se muitos acreditavam estar imunes a ela por sua condição sexual, com o passar dos anos, isto se desfez por completo, embora ainda há pessoas em que acreditam que a aids seja uma doença que ataca apenas determinados grupos. Como veremos neste capítulo, a revista *Veja* buscou trabalhar a aids de uma forma em que informaria as pessoas sobre esta nova doença e ao mesmo tempo reproduzia um conceito de grupos de risco muito comum entre a comunidade científica e a imprensa no período analisado. Como nos mostra a médica Dilene Raimundo do Nascimento, “assim como a história, a doença também é uma construção social” (2005, p. 29). Nosso papel neste trabalho foi analisar como a aids foi construída pelos periódicos analisados.

#### 3.1 UMA BREVE HISTÓRIA DO SURGIMENTO DAS REVISTAS BRASILEIRAS ATÉ A CRIAÇÃO DA REVISTA VEJA

Para entendermos melhor a função e a proposta na criação da revista *Veja*, buscamos problematizar a história das revistas brasileiras. Entender assim, o contexto do surgimento da *Veja* e como a mesma tornou-se uma referência no segmento atualmente.

Como destacou a historiadora Tânia Regina de Luca (2005), podemos citar dois momentos importantes que revolucionaram o estilo de escrever as revistas no Brasil, o primeiro momento foi em 1928, quando criada a revista *O Cruzeiro*, que trouxe novos sentidos à fotografia e às reportagens. O segundo momento foi justamente em 1968, com o lançamento da revista *Veja*, que efetivamente alterou o padrão das revistas no Brasil. Situando-se como uma revista semanal de informação, mas, vale salientar que a revista *Veja* não foi a primeira de sua categoria, por isso também a dificuldade inicial de adentrar significativamente na sociedade brasileira.

Durante muitos anos, algumas editoras buscaram estabelecer uma revista de variedades com circulação nacional e de credibilidade entre a população, principalmente a classe média. Os jornais por muito tempo exerciam este papel, mas com o passar dos anos do século XX, abriu-se uma possibilidade para que tanto as revistas como os jornais pudessem explorar o interior do país. Cabe então destacar as principais diferenças entre revista e jornal.

Segundo a jornalista Patrícia Ceolin Nascimento (2002), o que difere uma revista de um jornal é o fato de que, a revista apresenta um produto com uma impressão de melhor

qualidade, além de cores e fotografias, a escrita e as reportagens podem ter um detalhamento maior, pois não possuem a necessidade do imediatismo características dos jornais diários.

Uma publicação periódica de formato e temática variadas que se difere do jornal pelo tratamento visual (melhor qualidade de papel e impressão, além de maior liberdade na diagramação e utilização de cores) e pelo tratamento textual (sem o imediatismo imposto aos jornais diários, as revistas lidariam com os fatos já publicados pelos jornais diários, ou já veiculadas pela televisão de maneira mais analítica, fornecendo um maior número de informações sobre determinado assunto). (NASCIMENTO, 2002, p. 18)

Salvo exceções, as revistas semanais, em geral, não têm uma urgência tão grande em relação ao jornal diário, que precisam dar as informações com um certo imediatismo, assim, proporcionou as revistas a possibilidade de explorar mais extensamente determinados conteúdos, foi isso que ocorreu com a revista *Veja* em relação a aids, enquanto os jornal *Tribuna da Imprensa* noticiavam informações curtas, a revista *Veja* produzia grandes matérias e reportagens com pessoas que lidavam o dia a dia da aids, tanto como médicos, pacientes ou até seus familiares, embora este tipo de material, não foi divulgado até 1984, sendo apenas em 1985 o período em que a revista começa a trabalhar detalhadamente os casos de aids.

### 3.2 ESBOÇO DA HISTÓRIA DAS REVISTAS NO BRASIL

Como destacou Nascimento (2002), a primeira revista brasileira surgiu em 1812, intitulada *Varietades ou Ensaio de Literaturas*<sup>7</sup>. Foi uma revista com apenas três publicações e que em nada parecia com as revista, que conhecemos hoje, já que não tinha uma variedade tão grande de informações e trabalhava com poucas imagens ou fotografias.

A autora ainda destaca o surgimento das primeiras revistas brasileiras, sendo que estas revistas eram bastante eruditas e foi assim com as principais revistas do século XIX como por exemplo, “*Revista da Sociedade Filomática (1833)*, *Revista da Sociedade Ensaio Literários (1876)*, *Revista da União Acadêmica (1899)* [...], *Revista Brasileira (1857)*. (2002, p. 16). Somente no século XX, houve algumas evoluções significativas em relação a forma em que as revistas eram produzidas.

---

<sup>7</sup> Quem chamaria aquilo de revista? Nem mesmo seu editor, o tipografo e livreiro português Manoel Antônio da Silva Serva: ao coloca-las a venda, em Salvador no mês de janeiro de 1812, Silva Serva apresentou *As Varietades ou Ensaio de Literatura* como “folheto” – embora o termo “revista” já existisse desde 1704, Quando Daniel Defoe, autor de *Robinson Crusoe*, lançou em Londres *A Weekly review of the Affairs of France*. (A Revista no Brasil, 2000:16)

Como destacou de Luca (2005) a revista *O Cruzeiro* foi um dos marcos na história do Brasil, criada em 1928, por Carlos Malheiros Dias, definida por Nascimento (2002), como uma revista pioneira em reportagens, que buscou representar o interior do Brasil com fatos e fotos sensacionais. A autora também destacou a revista *Diretrizes* de 1938, criada por Samuel Weiner, o mesmo jornalista responsável pela fundação do jornal *Ultima Hora* do Rio de Janeiro. A revista destacava-se por textos investigativos e críticos que sofreu com a censura criada por Getúlio Vargas durante o período do Estado Novo, a revista circulou até 1944.

Durante muitos anos, a principal forma de transmissão de notícias e informações pelo Brasil, eram através dos jornais, mas isso a partir do final do século XIX e início do século XX, foi se modificando com a introdução do rádio e mais tarde da televisão, além de que as gráficas de revistas começaram a se preparar para reproduzir materiais em larga escala. Como nos mostra a jornalista Daniella Villalta, o Brasil, na época, havia um contingente grande de analfabetos.

Na década de 1950, o Brasil contava com pouco mais de 50 milhões de habitantes, dos quais aproximadamente 9 milhões concentravam-se no estado de São Paulo. Neste período, o número de analfabetos brasileiros girava em torno de 70% da população. (VILLALTA, 2002, p. 1)

Com a crescente expansão do povoamento do interior do Brasil, e o aumento populacional, as empresas de comunicação começaram a explorar mais este vasto território e assim abrindo possibilidades para que novas revistas surgissem.

Em 1952, surge a revista *Manchete*, como “uma concepção tida como mais ‘moderna’ e um amplo espaço destinado as fotos, a revista alcançou popularidade com reportagens históricas” (NASCIMENTO, 2002, p. 17). Assim como em 1966, a editora *Abril* lança *Realidade*, que circulou até 1975, isso segundo a historiadora Luciana Rosar Fornazari Klanovicz (2010), dificultou os primeiros anos da revista *Veja*, já que ela rivalizava com estas duas revistas, principalmente em número de exemplares vendidos. Tanto *Manchete* (1952) como *Realidades* (1966) disfrutavam de alta popularidade na década de 1960 e 1970.

A revista *Veja*, fundada em 1968 é lançada com um grande apoio editorial e aposta de grande investimento de Victor Civita fundador da editora *Abril* na década de 1950. Victor Civita havia mandado seu filho Roberto Civita para acompanhar os modelos de revistas semanais e de variedades nos EUA, de lá, ele trouxe a ideia inicial para a fundação da revista *Veja*. Inspirado no modelo americano *Time*, buscava-se uma inovação nas revistas brasileiras. Como destaca Klanovicz.

Em 1968, em São Paulo/SP, a editora “Abril” criou a revista *Veja*, sediada naquele mesmo município. O periódico foi elaborado por Victor Civita, jornalista italiano radicado no Brasil, com inspiração na revista estadunidense *Time*. *Veja* ainda é a revista brasileira de maior inserção nas camadas médias do país, e a de maior circulação nacional. Ela tem como antecessor o modelo das revistas ilustradas ou de variedades (KLANOVICZ, p. 36, 2010)

Vale destacar a forma com que a revista *Veja* é apresentada à sociedade: uma revista moderna, com cores, fotos e reportagens especiais. Salientamos também que a *Veja* quando idealizada por Victor Civita, como uma revista nacional, que servisse de referência de informação para a população, na época em que ela surge, não era necessariamente pioneira neste sentido. Como já citado anteriormente, havia uma gama de revistas para determinados públicos. Mesmo assim, não se pode tirar os méritos da revista em apresentar um produto novo e com alta variedade de conteúdo, características de uma revista de variedades, como destaca de Luca,

Tinham como características a apresentação cuidadosa, a leitura fácil e agradável, a diagramação que reservava amplo espaço para imagens e conteúdo diversificado que poderia incluir acontecimentos sociais, crônicas, poesias, fatos curiosos do país e que eram capazes de fornecer um lauto cardápio que procurava agradar a diferentes leitores, justificando o termo variedades (DE LUCA, 2005, p. 121)

A revista sofreu muito durante seus primeiros anos com a censura imposta pelo governo brasileiro liderado pelos militares. Talvez por isso os resultados esperados pela *Editores Abril* não foram extremamente satisfatórios. Recebendo críticas inclusive de setores da imprensa que rivalizavam com o novo produto, como nessa reportagem do jornal *Tribuna da Imprensa*, onde se fazem duras críticas à forma como a primeira revista chegou aos seus leitores.

É o *Time* em edição provinciana, vestido modestamente, em roupa caseira, mas na verdade com uma tremenda pretensão. São 68 páginas que chegam a comprometer o jornalismo nacional, que afinal de contas não é tão subdesenvolvido como a péssima qualidade da revista quer fazer crer. É impressionante como se pode pegar um original excelente (o *TIME* tem uma ‘linha’ e uma ‘orientação’ que condenamos, mas do ponto de vista jornalístico é admirável) e copiá-lo jogando fora todas as suas qualidades. *Veja* é a negação do jornalismo, não tem nada que se salve, por maior que seja a boa vontade do leitor. (*Tribuna da Imprensa*, 11/11/1968)

Entre as críticas de jornais concorrentes e setores da imprensa e o baixo número de revistas vendidas nos primeiros anos, a revista precisou se reinventar anos depois, para que, assim, mais tarde, na década de 1980, ela adquirisse o patamar de umas das mais importantes revistas brasileiras.

Quando lançada em 1968, a primeira publicação da revista *Veja* trazia algo novo do que havia no mercado editorial. A ideia de reportagens informativas, com uma equipe editorial focada em manter o leitor informado era um dos objetivos da revista. Neste momento nem todas as reportagens e seções da revista eram assinadas, “sugere a emergência de um novo perfil dos jornais, que tendeu a contribuir para o enfraquecimento da voz do jornalista, gerando o anonimato jornalístico” (KLANOVICZ, 2010, p. 36). E essas são as principais características da revista *Veja*, uma revista unificada, onde não se identifica o escritor de cada página específica, mas sim uma equipe editorial que assina cada edição da revista.

### 3.3 A PRIMEIRA EDIÇÃO DA REVISTA VEJA

A primeira edição da revista foi lançada em 11 de setembro de 1968, (*Veja*, 1968). Era composta por 132 páginas, uma característica peculiar da revista era ceder uma página inicial para as cartas do leitor, onde o leitor poderia fazer referência a publicações anteriores, fazendo elogios, críticas ou sugestões para publicações futuras. Na primeira edição as cartas eram de felicitações pelo surgimento da revista.

No comando da revista, estavam o editor e diretor: Victor Civita, seu filho, Roberto Civita era o diretor de publicações, assim como a direção de redação comandada pelo Mino Carta, estes foram os comandantes chefes da fundação da Revista *Veja*. De acordo com o jornalista Maxlander Dias Gonçalves “A revista foi lançada no ano de 1968 com o título *Veja e leia*, dando a entender que o enfoque seria muito maior nas figuras que nos textos. Inclusive o *leia* era grafado em letras bem menores que o *Veja*.” (2009, p. 22). Uma das características da revista é apostar em imagens grandes e coloridas, o que lhe difere de um jornal convencional da época.

Mas vale ressaltar que havia uma grande equipe de jornalistas e editores trabalhando na idealização da revista. Em escritórios de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, além de correspondentes em Nova York. A página 20 da primeira edição da revista, foi reservada à “Carta do Editor”, onde Victor Civita fazia uma breve apresentação e agradecimento ao leitor, por prestigiarem os trabalhos já desenvolvidas pela *Editora Abril*, assim como idealizando o futuro do Brasil no campo da imprensa. Assim, destacou Civita a seus leitores sobre a primeira edição da revista *Veja*:

Prezado leitor: Onde quer que você esteja, na vastidão do território nacional, estará lendo estas linhas praticamente ao mesmo tempo que todos os demais leitores do país. Pois VEJA quer ser a grande revista semanal de informação de todos os

brasileiros [...] Para fazê-la selecionamos 100 entre 1800 candidatos universitários de todos os Estados e realizamos um inédito Curso Intensivo de Jornalismo. Ao término do curso, com cinquenta desses moços e outros tantos jovens “veteranos”, formamos a maior equipe redacional já reunida por uma revista brasileira. [...] Finalmente, no decorrer dos últimos três meses, preparamos treze edições experimentais completas – com capa, texto, fotos e anúncios – a fim de treinarmos para a grande jornada que hoje se inicia (CIVITA, 11 set. 1968).

Um dos destaques na carta ao leitor de Victor Civita, deixava claro a ideia de que a equipe editorial seguiria uma ideia formada pelos editores chefes, ou seja, não havia a preocupação de contratar jornalistas experientes e renomados, mas sim profissionais promissores que buscariam contribuir para a ideia delimitada pelo editor.

### 3.4 DIREÇÃO E COMANDO DA REVISTA VEJA (1968 – 2017)

Como destacou Daniella Villalta, o projeto de criação de revista *Veja*, foi preparada com muito cuidado para que seu lançamento fosse um grande sucesso, assim portanto, foram preparados 14 modelos de edição número 1, conhecido como *Projeto Falcão*.

O *Projeto Falcão*, nome dado ao processo de fomento da revista, incluiu a realização de 14 números zero, ou seja, pilotos da publicação que serviram de teste ao modelo almejado. Foi iniciado em 1959, com a consolidação da Editora Abril como um complexo gráfico moderno e potente, o que aconteceu em sintonia com o fortalecimento do setor industrial brasileiro, e trazendo uma orientação diferente do produto final que chegou às bancas quase nove anos mais tarde. (VILLALTA, 2002, p. 5)

Victor Civita apostava muito no sucesso da *Veja* e não poupou esforços para que isso ocorresse. Villalta acredita que se não fosse o poderio de uma editora que realmente acreditava no produto, talvez a revista *Veja* não chegasse nos patamares que chegou atualmente.

A primeira edição da *Veja* saiu com 700 mil exemplares, mas Villalta, destaca que o sucesso das primeiras edições não se mantiveram aos primeiros cinco anos da revista. Em 1972, após anos de quedas no número de revistas vendidas, o número de exemplares vendidos caiu para assustadores 40 mil exemplares.

Os principais motivos apresentados por Villalta para a queda de números da revista *Veja* foram a dificuldade editorial com a criação do (AI-5)<sup>8</sup> que implantava e regulamentava a

---

<sup>8</sup> A Junta Militar que governava o Brasil em 1968 sancionou o Ato Institucional número 5 (AI-5), de forma a controlar a produção de informações pelos meios de comunicação que poderiam ser uma importante arma contra o regime por eles imposto. (BARATA, 2006, p. 56-57).

censura no Brasil, além do auto custo para manter a revista em funcionamento, e consequentemente envia-la as regiões mais longe do centro do Brasil. Além é claro da concorrência, que na época, já havia um número considerado de revistas informativas circulando no Brasil.

A censura esteve presente desde o primeiro ano da revista *Veja*, “Nos anos em que a *Veja* foi alvo desse tipo de censura, não conseguiu escapar do que os censores eram treinados para eliminar: a crítica, a informação, a mobilização” (KLANOVICZ, 2010, p. 44). Como destacou Klanovicz, para tentar enganar os censores, algumas publicações da *Veja* utilizavam de metáforas, mas isso acabava muitas vezes tornando a compreensão do leitor incompreensível, o que desmotivava a leitura do leitor.

A recuperação da revista *Veja* ocorreu já nos anos seguintes a 1972, quando a empresa decidiu criar um plano de assinaturas anual, o que ajudou a alavancar as vendas da revista “A implantação, em 1972, de uma operação de assinaturas, que ao final de quatro anos alcançou os primeiros 100 mil assinantes” (VILLALTA, 2002, p. 10).

E segundo Villalta, a revista *Veja* começa a fortalecer a publicidade em torno de si própria, com a produção de um programa de 12 minutos veiculado pela *TV Record* em um horário nobre de domingo, além de investir em publicidade em salas de cinema, com inserções antes de cada filme. A autora destaca ainda, que os números melhoraram a partir destas mudanças.

A partir de 1976, *Veja* estabiliza-se definitivamente e passa a operar um número médio de 170 mil exemplares/semana. Dois anos mais tarde passa por uma reforma gráfica, introduzindo maciça e definitivamente o uso da cor em todas as suas imagens; sua circulação mantém uma média de 250 mil exemplares/semana, dos quais 200 mil fazem parte do *mailing* de assinantes. Em 1979, Élio Gaspari passa a trabalhar em sintonia com Guzzo e atribui-se à dupla o novo estilo de talento que se potencializou. Gaspari foi responsável pela redação dos principais textos desta fase: o Caso *Baungartem*, a doença, agonia e morte de Tancredo Neves, dentre outros. Nesse período José Roberto Guzzo trabalha diretamente na seção de Economia e Negócios. No começo da década de 80, a revista *Veja* alcança 400 mil exemplares/semana, com 340 mil assinantes. O parque gráfico da Editora Abril torna a ser modernizado com a aquisição de novas máquinas e com um reajuste na distribuição de suas publicações. (VILLALTA, 2002, p. 13)

Como vimos um fator importante que a autora destaca como fundamental para a retomada do crescimento de vendas da revista *Veja* foi a modernização na produção e na distribuição das revistas pelo Brasil, o que diminuiu os custos e fez com que as revistas chegassem com mais agilidade ao seu destino. Outro fator importante que contribuiu para a

retomada de vendas da revista, foi o enfraquecimento da censura, além da euforia pela redemocratização do Brasil na década de 1980. Klanovicz, destaca.

Dois são os momentos enfatizados com relação a Revista Veja. O primeiro é o seu lançamento, em 1968, e sua proposta de inovação e profissionalização do segundo de mídia “revista”. O segundo envolve a ascensão editorial da publicação, percebida ao longo da década de 1980, acompanhada pela euforia representada pelo fim da ditadura militar e a construção da ideia de liberdade de expressão e de imprensa no Brasil. (KLANOVICZ, 2010, p. 35)

A revista *Veja* acaba se tornando uma revista semanal com muita influência no meio político e econômico, tendo um vasto público. Segundo a própria revista, 72% de seus leitores são da classe A e B (VEJA, 2007, p. 61). Para Gonçalves: “São sujeitos que possuem casa, carro e curso superior. Muitas de suas decisões – tomadas a partir da leitura da revista” (2009, p. 30), Gonçalves destaca o que classifica como uma influência que a revista tem por seus leitores e destaca também que a *Veja* desempenhava importante papel na disseminação de uma ideia liberal no Brasil, e sua opinião tem profunda relevância junto a uma parcela da população brasileira.

Para o jornalista Alexandre Rossato Augusti (2005), a revista *Veja* atualmente possui grande poder de influenciar as decisões tomadas pelos seus leitores. Destaca além disso, o perfil socioeconômico dos leitores da revista, sendo que 80% têm casa própria, e/ou automóvel no lar; e 51% têm TV a cabo. “*Veja* tem a maior circulação no país, dentre as revistas informativas semanais com grande inserção e alto poder de repercussão. É ainda a quarta maior revista desse segmento no mundo” (AUGUSTI, 2005, p 80)

Mas vale destacar, que mesmo tendo um número alto de revistas vendidas por semana atualmente no Brasil, o alcance que a revista pode atingir, geralmente é muito maior do que podemos mensurar, dado a importância de suas publicações, e a força com que elas se disseminam entre a população, além de que a editora abril disponibiliza todas suas edições anteriores de forma virtual em seu site oficial.

### 3.5 MATÉRIAS INFORMATIVAS

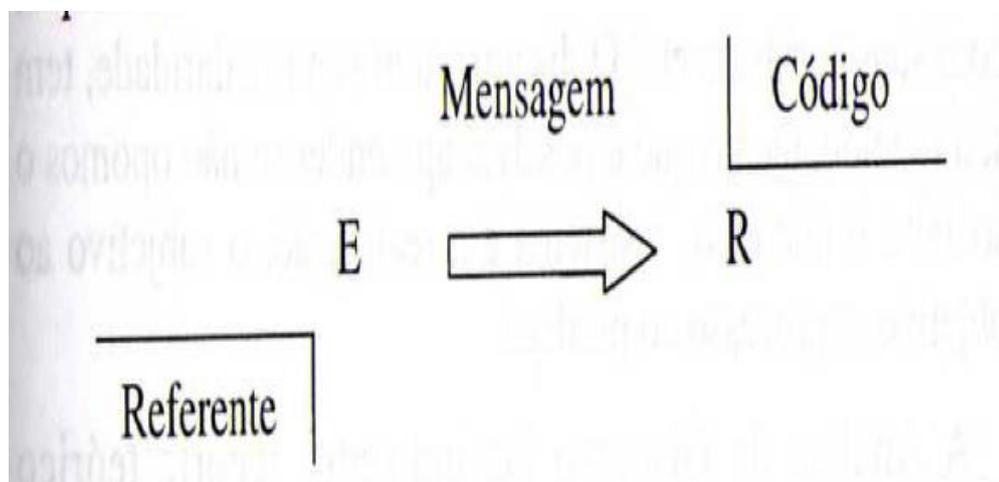
Buscamos analisar, neste trabalho, algumas publicações da revista *Veja* e de que forma a revista difundiu entre seus leitores o surgimento dos primeiros pacientes e as primeiras descobertas acerca da aids.

Segundo Nascimento, o senso-comum da sociedade atribui ao papel das mídias em geral não apenas da imprensa escrita, noticiar as novidades e acontecimentos do mundo e trazer a domínio público, de forma objetiva ela destaca “ao jornalista cabe informar” (2002, p. 61). A autora lembra ainda que a prática jornalística costuma revestir-se de uma aparência de verdade, assim buscando atingir credibilidade entre seus leitores, neste caso de revistas de informação semanal como é o caso da revista *Veja*. “Envolta em ideais de neutralidade, imparcialidade, clareza e objetividade” (NASCIMENTO, 2002, p. 61). Sabemos que a ideia de imparcialidade é algo difícil de ser praticado pelo periódico e mais difícil de ser percebido pelo analista, portanto, tais desafios também foram levados em conta na construção deste trabalho.

A forma com que muitas vezes a imprensa busca obter a confiabilidade em suas reportagens, segundo Nascimento, utilizando de dados ou discursos de terceiros que passam assim credibilidade no que a reportagem está falando, “o uso de formas discursivas de terceira pessoa (a diretora, o governo, os sem-terra, o presidente, etc.) uso da ordem direta nos enunciados, utilização de forma impessoais” (2002, p. 61) deve-se ao tratamento linguístico que estas reportagens adquirem. Nosso trabalho aqui não será trabalhar com os textos, mas também perceber e analisar os discursos entrelaçados nestas reportagens.

Um esquema elaborado por Orlandi (2001), onde a autora mostra o ritual de transmissão de mensagens. Na Imagem 1, podemos perceber umas das formas em que a escrita funciona com transmissor de mensagens, muitas vezes se transmite mensagens do emissor (E) ao remetente (R), referente a determinado conteúdo em forma de códigos.

Imagem 1: Esquema descrito por Orlandi como transmissor de mensagem.



Fonte: ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2001. P. 21

A autora ressalta portanto que cabe ao analista de discurso fugir deste esquema, e interpretar as mensagens, já que: “Para análise de discurso, não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade na disposição dos elementos da comunicação.” (ORLANDI, 2001, p. 21).

Buscamos entender a forma como essas matérias foram produzidas e assim perceber e apontar as características com que foram noticiadas, sem cometer julgamentos, já que devemos ter consciência de que o que se sabia sobre a aids na época era diferente em relação a tudo que já se sabe hoje e, como Orlandi aponta, as formas de se produzir um texto tem peculiaridades próprias do tempo em que ele está inserido, assim também como a forma com que se lê esse texto, pode mudar o sentido da leitura conforme o contexto do tempo presente.

O objetivo é compreender o discurso desenvolvido pela revista, a ideia de que um discurso tem um objetivo em representar o interesse da revista e do público leitor. Como defende Orlandi (2001), não á discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia.

Orlandi trabalha com três formas de discursos: autoritário, polêmico e lúdico, (2012, p. 32). Para a autora, os discursos são produzidos com uma relação entre polissemia e paráfrase, sendo que polissemia é quando um texto adquire vários sentidos e paráfrase é a relação entre o dizível e o que há por se dizer. A autora define “O exagero do discurso autoritário é a ordem no sentido militar, o do polêmico é a injúria e o exagero do lúdico é o *non sense*.” (2012, p. 32). Ela também define o que considera predominante em nossa sociedade, “o discurso autoritário é dominante, o polêmico é possível e o lúdico é ruptura. (2012, p. 32), sendo importante salientar o discurso autoritário presente com mais frequência, algo parecido com o discurso militar, sendo encontrado também em escolas e não apenas na imprensa escrita, mas em outras formas de mídias como televisão e rádios. O discurso polêmico é quando se tem uma relação tensa entre polissemia e paráfrase sendo que o texto pode adquirir mais que um sentido. Por fim, sendo o lúdico pouco frequente, pois seria o divertido, e no âmbito do discurso jornalístico o divertido podemos relacionar com o informal, e conseqüentemente sem credibilidade.

Como salientou Nascimento (2002), o discurso jornalístico destaca-se por duas relações fundamentais, a primeira é a busca da novidade e a segunda é pelo imperativo de responder ao interesse público, sendo que este muitas vezes se sobrepõe aos interesses do primeiro. Muitas vezes buscando nas vozes autorizadas, que assim dão veracidade a suas

informações, como pesquisas e opiniões de especialistas, isso ocorre com frequência em suas reportagens sobre a aids.

### 3.6 REPORTAGENS DA VEJA SOBRE A AIDS

O campo de nossa pesquisa é formada por dez reportagens referentes a aids entre o ano de 1982 e 1985. Foram selecionadas apenas as reportagens informativas sobre novos casos, descobertas científicas, efeitos e consequências da aids. Embora utilizamos as reportagens informativas, como destaca Orlandi em sua obra *Discurso e Leitura*, não devemos entender as reportagens, como informativas, afinal “O texto não é a soma de frases e não é fechada em si mesmo” (2012, p. 28). Sendo assim, precisamos ir além, e buscar analisar estes textos como discursos e contextualiza-los.

Destas reportagens, vamos analisar não apenas o contexto destas informações, mas também a maneira e as palavras utilizadas para a produção destas reportagens. Perceberemos assim que todas as reportagens que tinham relação com a aids, utilizavam com frequência as palavras como, “gays, homossexuais, promiscuidade, grupos de risco” dentro de suas publicações.

Como veremos na *tabela 1*, utilizaremos uma reportagem de 1982, duas de 1983, duas de 1984, e 5 de 1985, ou seja, o ano de 1985, foi o ano em que a revista *Veja* destinou maior espaço e tempo para falar sobre a aids. A maioria das vezes, o espaço destinado a aids pela revista, era o campo da medicina em oito reportagens, e uma destinada a comportamento, e outra uma especial. Das dez reportagens, apenas uma possuía um título que apontava para uma descoberta que ajudaria a superar os desafios da aids, ou seja, animador, que demonstrava uma descoberta que poderia ajudar os portadores, os outros nove títulos vinham com palavras negativas, metáforas que vinham a criar uma imagem devastadora, como “mal, medo, avanço, sombra” entre outras.

Tabela 1: Reportagens da revista *Veja* sobre a aids:

Data:	Título:	Espaço na revista:
14/07/1982	Mal Particular	Medicina
06/07/1983	Síndrome do Medo	Comportamento
14/09/1983	A doença errada	Medicina
02/05/1984	A Chama da AIDS	Medicina

28/11/1984	O avanço da AIDS	Medicina
20/02/1985	Uma boa defesa	Medicina
31/07/1985	A sombra da AIDS	Medicina
14/08/1985	Capa: Aids	Capa/Medicina
21/08/1985	A AIDS divide	Medicina
09/10/1985	O gigante abatido	Especial

Fonte: **VEJA**. São Paulo: Editora Abril, 1982-1985.

Para que o trabalho foque no seu real objetivo de entender como a aids foi apresentada aos leitores da revista *Veja*, eliminamos todas as menções a aids, que não se enquadravam em reportagens informativas.

Buscamos elementos comuns entre essas reportagens, assim como palavras usadas com frequência, como por exemplo a palavra promiscuidade para sustentar a ideia de que os homossexuais masculinos estariam no grupo de risco devido a promiscuidade em que levavam sua vida sexual. Segundo o jornalista Antônio Fausto Neto (1999), a aids foi apresentada pelas imprensas escritas como um câncer, uma síndrome ou uma enfermidade, uma forma de lembrar o caráter irreversível que a doença adquiriu na época em que surgiu, destacando como uma enfermidade particular que afeta pacientes especiais, no caso o grupo dos homossexuais.

Uma das questões que ficam claras na fundação da revista *Veja* em 1968, é a ideia defendida pelo presidente do grupo da *Editora Abril*, como a coragem, a verdade e a imparcialidade, “Para o presidente e editor Roberto Civita o compromisso de *Veja* é com o leitor e o objetivo é o de informar corretamente, com verdade, opinião, coragem e independência” (AUGUSTI, 2005, p.83). Mesmo sabendo nós que no campo da pesquisa histórica, toda vez que um historiador trabalhar com fontes jornalísticas, precisa estar atento aos interesses da editora em relação ao seu público que estarão nas entrelinhas do texto.

Em 1982, a revista *Veja* noticiou um breve texto sobre uma doença sem causa reconhecida que estaria afetando o “grupo dos gays”, destacando assim um grupo específico. No espaço destinado a medicina na publicação de 14 de julho de 1982, o título da matéria era, “mal particular” (VEJA, 1982, p. 76). A notícia traz algumas informações sobre um mal, que está atacando o grupo dos homossexuais masculinos.

Logo no primeiro parágrafo, a matéria informativa sentencia “O debate sobre o fenômeno que a imprensa americana batizou de “praga gay” – a propagação incontrolável de misteriosas doenças entre os homossexuais” (VEJA, 1982, p. 76). A matéria traz a notícia de

um médico brasileiro e professor da Universidade Federal da Bahia, Elsimar Coutinho, em que ele afirma a “epidemia de imunodeficiência em questão é causada pelo consumo exagerado de hormônios estrógenos” (VEJA, 1982, p. 76), o médico destaca ainda que isso é habitual entre os homossexuais masculinos que pretendiam desenvolver seios.

Como destaca Neto, “ao lhes dar a palavra, a enunciação jornalística cria, como efeito de sentido, a noção de veracidade” (1999, p. 74), sendo assim ao dar espaço para que o cientista se pronunciasse dá-lhe uma condição de especialista na área e confiabilidade para a revista no que ela acaba de noticiar.

A matéria traz ainda contestações desta tese pela comunidade científica internacional e salientando que o professor generaliza os gays nesta sua tese. O último parágrafo da matéria traz um resumo das possibilidades por parte do autor, mas ao mesmo tempo uma afirmação de que todas estas teorias ainda não são comprovadas. E o que se sabe até então é que esta “doença” está afetando mais os gays masculinos pelo fato destes terem relações “promíscuas”.

A revista *Veja*, quando escreveu sobre o mal da aids, acabou destacando o medo e o grupo mais afetado, costumando sempre relacionar aids aos homossexuais masculinos. Com o título: “Síndrome do Medo” (VEJA, 1983, p. 50), a matéria trabalhou os monstros que atormentam a comunidade gay. Já Sontag destaca que entre as várias metáforas criadas pela aids, a peste talvez seja a principal, para ela “a AIDS banalizou o câncer” (1989, p. 57), tamanho difusão da ideia mortal e terminal adquirida pela aids.

Nesta matéria, a revista traz imagens de grupos de homens que seriam gays, protestando nos Estados Unidos, buscando pressionar o governo estadunidense para apoiar a busca da cura. A reportagem traz alguns elementos sobre o preconceito crescente aos grupos de risco nos EUA, como por exemplo a associação de dentistas que sugeriu que usem máscaras e luvas quando atendessem pessoas que supostamente pertencerem aos “grupos de risco”. Esse grupo é definido pela reportagem como: “em primeiro lugar, os homossexuais, 72% dos atingidos, depois os haitianos e os consumidores de drogas por injeção na veia”, (VEJA. 1983, p. 50). Para a reportagem isso faz com que haja um afastamento das pessoas “sadias” com relação a pessoas deste grupo.

Segundo a revista *Veja* (1983), os cientistas destacam que a principal forma de contágio é pelo contato sexual, ou compartilhamento de seringas não esterilizadas, mas isso, destaca a revista, não é suficiente para acalmar o clima de histeria que se acomoda nos Estados Unidos e que modifica a forma em que as pessoas se relacionam. Por exemplo, a matéria descreve as saunas gays e que, segundo um dos frequentadores, os gays, costumam

fazer sexo, antes de conversar e esta forma promíscua de se relacionar está se modificando por causa da aids.

Esta publicação estava no espaço destinado a “comportamento”, por isso não há uma explicação mais científica, ela foca no dia a dia deste grupos mais afetados além de, como a comunidade gay americana estava lidando com o surgimento de uma doença que acabou isolando nos primeiros anos um grupo social que lutava por direitos civis na década anterior e buscava respeito pela sociedade.

O fazer jornalismo é muitas vezes pautado por um “‘Eu jornal’ (língua jornalística) falando com ‘Tu, leitor’ de uma terceira pessoa ‘ele’, alguém distante, ‘lá’” (SOARES, 2001, p. 117). No caso específico da aids, Soares destaca que esse formato jornalístico foi utilizado para separar os grupos de risco e assim tranquilizar os leitores que não entrariam neste grupo. Por isso, muitas vezes a utilização de termos como “os gays, o grupo gay ou ainda a comunidade gay”, para anunciar notícias relacionadas a aids, acabava criando uma divisão social da doença.

A seguir, uma matéria de 14 de setembro de 1983, intitulada, “A doença errada”, descreve no subtítulo “Telefonam para falar de AIDS e tem sífilis” (VEJA, 1983, p. 64). A matéria informa a criação da Secretaria de Estado de São Paulo de uma linha telefônica para orientar da síndrome da aids. A matéria destaca que não há uma epidemia no Brasil, mas mesmo assim muitas pessoas entram em contato para tirar dúvidas. Essa informação de que não há uma epidemia, vem no sentido de desmentir os boatos de que a aids poderia estar incontrolável.

A revista *Veja* (1983) conversa com Paulo Roberto Teixeira, diretor da Divisão de Dermatologia Sanitária da Secretaria, “Muitas pessoas telefonam pensando que podem estar com AIDS, quando na verdade têm sífilis ou tuberculose” (VEJA, 1983, p. 64). A doença, destaca ainda a *Veja* (1983), ataca principalmente os homossexuais.

O que causa muitas dúvidas entre as pessoas é o fato de que os sintomas da sífilis e da tuberculose se assemelham a aids na perda de peso e manchas na pele. A reportagem ainda cita que no Brasil os problemas ainda estão relacionados à “doença da pobreza” exemplificando a tuberculose e a sífilis, problemas em países mais pobres, e não a aids que naquele momento estava agindo com mais força em países como Estados Unidos e França, países desenvolvidos.

O ano de 1983 foi o ano em que a ciência começa a ter seus principais avanços em relação a aids. Nesse ano, equipes de cientistas americanos conseguem descobrir o vírus causador. E também a produzirem testes de detecção da aids com mais rapidez e eficácia.

A revista *Veja*, em dois de maio de 1984, no espaço destinado a medicina, traz o título “A chave da AIDS: Americano e francês tem uma explicação” (VEJA, 1984, p. 64). Trata-se de uma reportagem sobre as primeiras descobertas em relação a aids, por duas equipes de cientistas. Uma chefiada pelo americano Robert C. Gallo e outra pelo francês Luc Montagnier, ambos, com poucos dias de diferença, anunciaram o que acreditaram ser a descoberta do vírus causador.

A reportagem traz informações sobre esses avanços e ainda cita palavras como “promiscuidade homossexual” como um dos motivos pelos homossexuais masculinos serem os mais afetados e “temível aids” como uma doença que sentencia o paciente a morte e apresenta assim a aids a seus leitores. Ela ainda destaca fortemente elementos de grupos de risco citando os homossexuais, usuários de drogas e haitianos.

O fato de a imprensa sempre destacar o grupo de risco esteve muito presente no Brasil, nos primeiros anos do surgimento da aids. Sontag destaca que desde o início “a doença baseou-se em conceitos que separavam um grupo humano de outro – os doentes dos sãos, [...] “eles” de “nós”” (1989, p. 37). Esta ideia embora combatida com veemência pela comunidade científica nos dias atuais, ainda é comum de ser encontrada nos meios jornalísticos e da sociedade.

Embora, em determinados momentos a imprensa dava espaço para algum médico ou cientista se manifestar contrária a tese de que os homossexuais estariam mais propensos a adquirirem a aids, pelo simples fato de sua orientação sexual. Destacavam-se também com frequência entre os médicos consultados pela revista a explicação de que o número de gays infectados seriam consequência da vida sexual promíscua que levavam, já que esses homossexuais teriam múltiplos parceiros.

Assim, Paulo Roberto Teixeira, médico responsável pela secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, destacava para a *Veja* (1984) que a vida promíscua que muitos homossexuais levavam, os colocava no chamado “grupo de risco” e não sua condição sexual. Mesmo assim, na reportagem, “O avanços da AIDS: A doença já faz 50 mortos em SP” (VEJA, 1984, p. 107), muito da reportagem se associou aos homossexuais já que, segundo dados divulgados pela revista mais de 70% dos casos são de homossexuais. E para Teixeira (1984), o fato da doença estar associada a homossexuais dificultava o tratamento aos

heterossexuais, já que muitas destas pessoas com aids, acabavam sofrendo e desistindo da vida, pelo preconceito existente na época.

O uso de certas palavras relacionadas a determinadas doenças, destaca Sontag (1984), muitas vezes carrega uma carga psicológica ao paciente. Ela cita exemplos de quando um paciente sofre de problemas cardíacos, a pessoa não está sentenciada à morte e, muito menos, o médico não esconderia isso do paciente, agora, quando a pessoa sofre de um câncer por exemplo, já vem com uma sentença de morte pela carga emocional da palavra além de que seria visto por seus próximos como algo abominável, sombrio, pois algumas doenças, pior do que a morte, é o possível fim desumanizador que elas podem trazer ao paciente.

Essa tese se encaixa perfeitamente na aids, já que a aids em si não representa doença, mas pode ocasionar uma série de complicações clínicas, inclusive câncer, o que acarreta em uma carga de culpa por parte do paciente. Sontag (1989) destaca ainda o fator “vergonha” em relação a aids, já que, segundo ela, um paciente costuma esconder o diagnóstico de seus familiares.

Na edição de vinte de fevereiro de 1985 (VEJA, 1985, p. 42), “Uma boa defesa”, a revista traz informações sobre uma substância que ataca o “vírus da aids”, “um espermaticida chamado ‘nonoxinol’, substância presente em cremes, geleias e supositórios anticoncepcionais, tem um grande poder destruidor sobre o vírus transmissor da doença” (VEJA, 1985, p. 42). Aqui o que mais chama atenção em relação a forma com que a revista produziu a matéria, é a divulgação de recomendações deste grupo de cientistas no uso destes produtos, sem investigar a procedência.

Também ainda nesta revista faz-se o uso da palavra “promiscuidade” para destacar o “grupo de risco”, formado pelos homossexuais, já que segundo a *Veja* (1985), os cientistas alertam que não está liberada a promiscuidade sexual, através desta descoberta, já que isso fez com que os homossexuais, por sua vida promíscua, estivessem inseridos no maior grupo afetado até então pela aids.

A revista encerra no último parágrafo com informações gerais sobre o avanço da medicina na busca do combate a aids, como a descoberta do vírus em 1983, e também a criação de testes que ajudam a detectar os infectados.

O ano de 1985 foi o primeiro ano em que a revista *Veja* começa a divulgar com frequência os fatos referentes a aids. Esse aumento no número de publicações pode ser encarado de duas formas: a primeira é a pluralidade dos casos, sendo defendida no meio científico a não mais associação da doença aos homossexuais; e a outra hipótese seriam os

casos de aids entre pessoas importantes nos meios sociais e que chamaram a atenção da imprensa em geral, no caso aqui, o ator norte-americano Rock Hudson.

É em 1985 que a *Veja* começa a modificar a forma em que ela trata a aids. As reportagens começam a ficar mais extensas, ainda há uma menção aos grupos de risco, mas ocorre um detalhamento maior em relação a forma de contágio e principalmente começam a apontar que, além das pessoas pertencentes ao grupo de risco, as pessoas fora deste grupo também podem se contagiar, portanto, ainda há menções de grupos de risco, mas agora veremos explicações de que heterossexuais e até pessoas que não são sexualmente ativas podem contrair o vírus através de transfusões de sangue.

Por exemplo, na edição da *Veja* (1985), de 31 de julho de 1985, a revista já dava um espaço considerado para relatar o drama das pessoas com a aids, além de números e medos que a população tinham sobre a “doença”. Nesta mesma edição na capa, que trazia como menção principal os “100 dias de Sarney” em referência a redemocratização do Brasil e o início do mandato de um civil na ocasião José Sarney, no canto superior já havia a menção “AIDS: O Drama de Rock Hudson”, para destacar a revelação de que o ator americano anunciava ser “portador da doença”.

No espaço destinado a medicina, a revista destinou cinco páginas em uma reportagem que desenhava algumas dúvidas da população, ou a revista confirmava estas dúvidas. O sentido da palavra “A sombra da AIDS” (VEJA, 1985, p. 88), e o subtítulo “Com a revelação de que o ator Rock Hudson sofre da doença, aumentam ao redor do mundo o medo e as indagações sobre suas causas e riscos”. A utilização da palavra medo pela revista mostra a situação da época e também deixa claro que naquele momento não se trabalhava muito as hipóteses da doença e sua prevenção e assim surgia o primeiro caso de um famoso em que não estava dentro do grupo de risco, ou melhor, até aquele momento, não se sabia sobre a sexualidade do ator.

A revista não teme em anunciar a doença de Rock Hudson como uma epidemia devastadora e mortal. “Rock Hudson sofre de AIDS, a terrível síndrome de imunodeficiência adquirida [...] uma doença surgida a apenas sete anos, implacavelmente terminal e que ataca principalmente os homossexuais, como o ator americano.” (VEJA, 1985, p. 88).

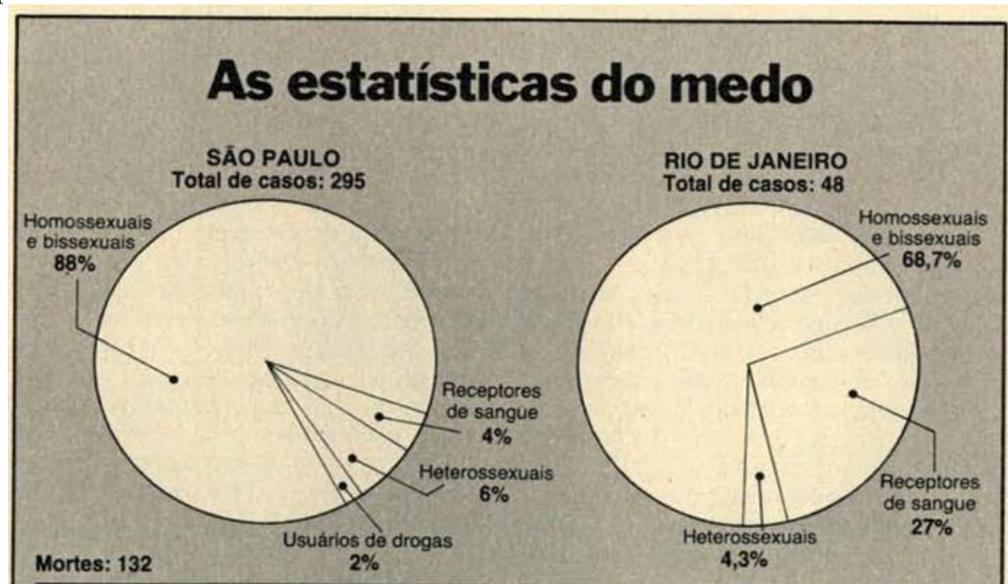
A utilização de termos temíveis em relação a síndrome, aumenta o medo e as dúvidas sobre a aids, Susan Sontag destaca “As doenças que mais causam terror são as consideradas não apenas letais, mas também desumanizadoras” (1989, p. 46). É nesse sentido da matéria da *Veja* (1985), já que destaca-se o drama vivido pelo ator, e a sentença de um final dramático.

A revista além de dar espaço aos trabalhos do ator, citando os papéis de galã em filmes e programas de TV americanos, sua relação de amizade com o ex-ator e presidente americano Ronald Reagan, traz informações sobre o que se sabe até então da aids (mortos em cada países e números de infectados). A reportagem cita também que a aids, diferentemente da sífilis (que era uma doença mortal, mas que levava anos para matar), naquele ano matava. “Ela sempre mata. E mata de maneira fulminante – são raríssimos os casos de sobrevivência por mais de três anos” (VEJA, 1985, p. 89). A revista reforça a carga psicológica na doença destacando a pouca expectativa de vida por parte dos pacientes.

A utilização da palavra “primeiríssimo lugar” quando a *Veja* cita que os homossexuais estão na dianteira da doença, faz o papel de que o objetivo é contar o fato de maneira mais objetiva possível. Salientar os grupos que eram os mais afetados pela aids, mas faz um alerta: “Mas o fato é que já há casos de AIDS também entre os heterossexuais. Isso coloca a questão: qual o risco de um heterossexual contrair a doença?” (VEJA, 1985, p. 89). A revista responde esta pergunta mais a frente, “Até agora muito pouco – uma vez que a virulência da AIDS tem se mantido restrita aos chamados grupos de risco”.

Para confirmar a explicação de que o grupo dos heterossexuais não são os muito afetados pela aids, a revista traz um gráfico descrito como “As estatísticas do medo” como veremos na imagem 2:

Imagem 2: gráfico divulgada pela revista *Veja*, intitulada “As estatísticas do medo”, mostrando o quadro dos primeiros casos da aids nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo.



Fonte: VEJA. São Paulo: Editora Abril, v. 882, 31 jul. 1985, p. 90.

O gráfico traz informações sobre o número de pessoas afetadas e suas “classificações entre heterossexuais e homossexuais e o total de mortes entre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro até o ano de 1985. No estado de São Paulo, o número de homossexuais e bissexuais abrangem 88%, não havendo uma distinção entre estes dois grupos por parte da revista, enquanto receptores de sangue, heterossexuais e usuários de drogas atingiam apenas 12% do total de 295 pacientes catalogados.

No estado do Rio de Janeiro, do total de 48 casos, 68% são homossexuais ou bissexuais, enquanto o casos de receptores de sangue atingiam índice de 27% e heterossexuais apenas 5%. O fato da revista colocar homossexuais e bissexuais na mesma estatística, pode ser remetido ao fato de ambos os grupos não representarem a sexualidade considerada tradicional pela sociedade, destacando que os heterossexuais possuem chances pequenas de contágio.

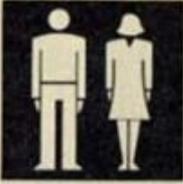
A revista *Veja* entrevista a médica Valéria Petri. Para ela, as causas da doença ter saído dos “grupos de risco” e ter entrado no grupo dos heterossexuais, deu-se de duas maneiras: “duas vias para a chegada da AIDS a populações heterossexuais são os hemofílicos e os travestis, cuja clientela é formada basicamente por heterossexuais” (VEJA, 1985, p. 90). Associando assim a vida dos travestis à prostituição, além de que, aponta os clientes destes travestis como heterossexuais, levantando dúvidas da forma com que essas pessoas levavam suas vidas amorosas, sendo possivelmente homens que não se assumiam homossexuais, ou levariam uma vida bissexual e assim transmitiam posteriormente o vírus através de relações heterossexuais a suas futuras parceiras. Pessoas possuem um trânsito diversificado em suas vidas amorosas e sexuais. Um homem que sempre se julgou heterossexual pode em algum momento da sua vida se relacionar com outro homem e não se julgar nem homossexual e nem bissexual.

Podemos também entender a carga de culpa que a reportagem produz, onde busca-se apontar as causas da aids ter saído dos chamados grupos de risco, sendo apontando os travestis e os hemofílicos e não ao sexo desprotegido praticado pelos heterossexuais.

Assim é possível observar a utilização sistemática da revista, dos conceitos de grupos de risco nas reportagens, já que a revista utiliza de gráficos e tabelas para discutir os riscos de cada grupo, como pode ser observado na imagem 3.

Imagem 3: Quadro divulgado pela revista *Veja* intitulado “As taxas de risco de cada grupo”, onde mostra as chances de contágio por cada grupo social.

**As taxas de risco de cada grupo**  
(Em janeiro de 1985)

	<p><b>1- Casal monogâmico</b> Um casal cujos integrantes não mantenham relações amorosas fora do lar tem chances nulas de contrair a doença. Caso um dos dois se torne infiel, no entanto, a chance passa a existir. Da mesma forma, passa a haver algum risco se um dos integrantes do par se submeter a transfusões de sangue não controladas por testes.</p>		<p><b>2- Receptores de sangue</b> Em cada 100 000 transfusões de sangue, há um caso de contaminação pelo vírus da AIDS. É maior o risco dos hemofílicos porque, a cada internação, recebem um concentrado de plaquetas feito com sangue de 1 000 doadores. As transfusões de sangue, de modo geral, são, ao lado do contato sexual, o principal veículo de transmissão da AIDS.</p>
	<p><b>3- Usuários de drogas</b> A contaminação por agulhas infectadas figura como o terceiro fator de risco nas estatísticas internacionais. A transmissão do vírus acontece porque elas não são esterilizadas. O Programa da AIDS, da Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo, já registra quatro casos de pessoas que contraíram a doença por essa via.</p>		<p><b>4- Homossexuais</b> A promiscuidade é a mais forte de todas as causas de transmissão da AIDS. Homossexuais e bissexuais lideram as estatísticas. É por isso que as campanhas de prevenção à doença pedem a esses dois grupos para reduzir o número de parceiros. A transmissão se faz no ato sexual por lesões microscópicas nos órgãos genitais.</p>

Fonte: **VEJA**. São Paulo: Editora Abril, v. 882, 31 jul. 1985, p. 90.

A tabela da imagem 3 mostra as características de cada grupo social e também os riscos que cada grupo corre em relação a aids. Segundo a revista *Veja* apurou na época, casais monogâmicos que permaneceriam fiéis teriam chances nulas de contrair a aids e aos homossexuais a recomendação para que estas pessoas reduzam o número de parceiros, já que a promiscuidade sexual deste grupo aumenta o risco de adquirir a aids (Veja, 1985, p. 90). Nesta tabela, podemos perceber que o foco estava no comportamento sexual e não na prevenção. No entanto, é bom salientar que pouco se sabia sobre a aids, então o foco era no comportamento sexual, com esse viés preconceituoso.

Nesta edição da revista *Veja* (1985), também trabalha o estigma da homossexualidade, já que ressalta a busca pela discrição da doença por parte de famosos como Michel Foucault<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Michel Foucault (1926-1984), historiador e filósofo francês autor de obras como *História da sexualidade, A vontade do saber*, morreu em decorrência de complicações da aids em 1984. Disponível em <<https://educacao.uol.com.br/biografias/paul-michel-foucault.htm>> Acesso em 20/06/2017.

e Rock Hudson<sup>10</sup> vítimas da aids, que procuraram esconder a doença da sociedade por medo da discriminação de sua condição sexual. Como destaca Sontag “A doença expõe uma identidade que poderia ter permanecido oculta dos vizinhos, colegas de trabalho, familiares e amigos” (1989, p. 30). O que mostra a carga psicológica negativa da época em assumir a homossexualidade. A autora também relaciona a aids ao câncer, doenças que muitas vezes carregam ao paciente o sentimento de culpa. Havia uma tradição de alguns médicos em evitar informar ao paciente de câncer da enfermidade e falando sobre a aids, ocorreu algo contrário, o paciente muitas vezes esconde da família e da sociedade por vergonha e medo, assim dificultando o tratamento, já que para a medicina é essencial o apoio familiar para um melhor tratamento.

Como já mencionamos anteriormente, o segundo semestre de 1985 foi o período em que a revista *veja* começou a dar mais ênfase aos acontecimentos referente à aids. Sendo assim, em quatorze de agosto de 1985, a revista destina sua primeira capa para destacar o crescimento da aids no Brasil e no mundo.

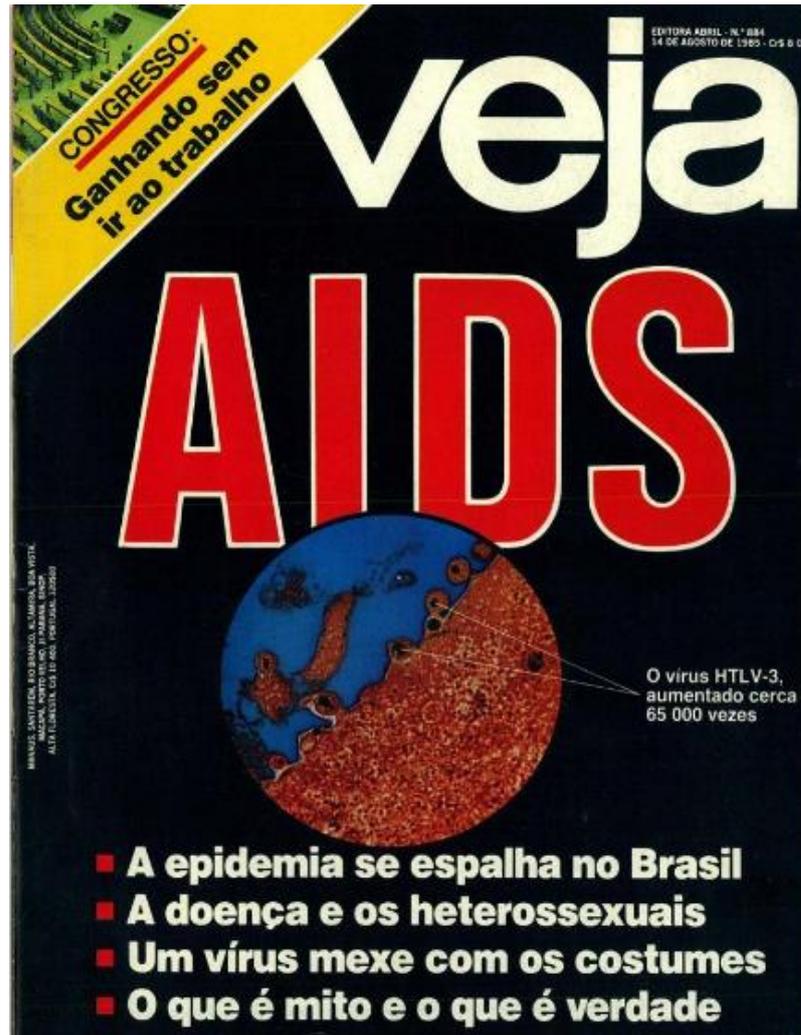
Se, por outro lado, a revista ainda difunde entre seus leitores a separação por “grupos de risco”, há cada vez mais menções relacionadas aos heterossexuais, uma forma de difundir a informação entre a população de que todas as pessoas podem estar expostas ao vírus, inclusive através de transfusões.

Na imagem 4, veremos a primeira capa da revista *Veja* destinada ao assunto da aids e nela algumas informações que confirmam o que levantamos anteriormente sobre grupos de riscos e heterossexuais. Além da imagem utilizada, sendo um círculo em formato de um globo, onde possivelmente representaria o planeta sendo dominado pelo vírus HTLV-3.

Imagem 4: Capa da revista *Veja*, de 14 de agosto de 1985.

---

<sup>10</sup> Rock Hudson, ator estadunidense nascido em Illinois no ano de 1925, interpretou vários papéis no cinema norte-americano em filmes como: *E o sangue semeou a terra*, *Sublime Obsessão* e *Assim caminha a humanidade*, em 1984 revelou sua homossexualidade, morto em 1985 em decorrência de complicações causadas pela aids. Disponível em: < <http://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-1650/biografia/>> Acesso em: 20/06/2017.



Fonte: VEJA. São Paulo: Editora Abril, v. 884, 14 ago. 1985, p. 56.

Na capa da revista, tópicos que seriam detalhados naquela edição sobre mitos e verdades, além de afirmar que a epidemia se espalhava pelo Brasil e sua relação com os heterossexuais.

Nesta edição, “A multiplicação do mal: a AIDS se espalha” (VEJA, 1985, p. 56). A carga catastrófica da doença já fica clara nas primeiras linhas da reportagem, quando a revista classifica a doença como terrível, e mortal. Sendo que a mídia impressa trabalhou com notícias extraordinárias e sensacionalistas. A revista se aventurou em 14 páginas para lançar especulações e promover o medo, já que pouco se sabia e parte de um pressuposto que agrada os leitores: o preconceito aos homossexuais, puritanismo e histórias sobre uma doença desconhecida. A revista se retroalimenta e se aproveita do que já existe na sociedade.

Mas a revista *Veja* (1985) já buscou informar seus leitores de que não há como afirmar que a “moléstia” seja “uma praga divina” aos homossexuais. Já que há registros de transmissões através do contato heterossexual, os cientistas destacam que estão imunes apenas

casais monogâmicos e que não tenham cometido atos de traição durante o casamento e não tiveram transfusões de sangue. Embora a revista acredite que a aids possa trazer um nó aos costumes, “Abstinência ou monogamia sexual, uso de preservativos, cautela com o uso de drogas, fim do culto da magreza. São apenas alguns indícios do que pode estar por vir” (VEJA, 1985, p. 67).

Subtítulos dentro da matéria demonstram como era descrita a aids na época e o alto temor pela forma com que ela poderia se espalhar: “Um teste para conter o avanço do mal”, “Um nó nos costumes”, “A peste e a culpa”, “A dificuldade em aceitar a morte inevitável”, essas eram apenas umas dos subtítulos utilizados pela revista *Veja* (1985) nesta edição para informar seus leitores.

Como destacou Sontag (1989), o fato da aids não ser uma doença específica e sim uma síndrome com uma lista de doenças, faz com que haja uma grande variação de metáforas sobre ela. Sendo assim, a revista acaba utilizando com frequência em seus títulos termos como “avanços do mal”, “mortal”, “peste”. A autora também destacou que em relação a aids e todas as doenças transmissíveis sexualmente, acaba ganhando destaque a vida sexual das pessoas, já que a doença geralmente vem carregadas de culpa.

A revista buscava mostrar também aos seus leitores o risco que a aids trazia à sociedade, com a possibilidade de segregação e um aumento no preconceito, como veremos neste enunciado de 1985, onde a revista relaciona a aids aos casos de lepra do passado: “A AIDS ameaça fazer voltar a um tempo de trevas em que mais do que a doença se combatiam os doentes” (VEJA, 1985, p. 68). A revista faz uma leitura sobre os estigmas das doenças, além de toda a culpa que cada pessoa leva, o fato de muitas vezes esses pacientes terem de carregar o fardo da culpa, dificulta e muito a luta dessas pessoas pela sobrevivência.

Após uma semana da primeira capa da revista *Veja* destinada ao assunto da aids, a revista continua divulgando informações sobre a situação da prevenção à aids no Brasil. Aqui ganha características de guerra a doença, uma metáfora comum em epidemias como destaca Sontag (1989), destinada a divulgar que cada vez a mais casos e a situação é preocupante, a reportagem relata uma série de farpas trocadas entre um cientista e o ministro da saúde na época Carlos Sant’ Anna, que na reportagem de 14 de agosto de 1985 já havia afirmado a *Veja* que a aids não era a principal preocupação do ministério da saúde, e que o Brasil vivia situações piores até mesmo na tuberculose.

Na edição de vinte e um de agosto de 1985 (VEJA), a revista publica a matéria “A AIDS divide”, em que mostra informações sobre a importância ou não dos testes da aids no

serviço de saúde pública. A *Veja* destaca que já havia naquele período o avanço da aids com 390 casos registrados até aquela semana, e ainda se discutia a conveniência ou não do teste.

O professor Ricardo Veronesi, titular da cadeira de Doenças Infecciosas e Parasitárias da Faculdade de Medicina da Universidade De São Paulo, destacava “sem o teste é impossível controlar a expansão da AIDS” (VEJA, 1985, p. 64). Enquanto o ministro da saúde dizia que o teste era desnecessário e argumentava que a população não precisava entrar em pânico por causa da “doença” e também dizia que havia um verdadeiro “*lobby*” da doença no Brasil.

Percebemos aqui como a revista descreve a situação a população destacando o avanço da aids e ao mesmo tempo, a descrença do ministro da saúde brasileira na importância dos testes preliminares no serviço de saúde. A revista *Veja* (1985) põe entre aspas a palavra tolice quando o ministro afirma não haver necessidade de preocupação da população, e a palavra “*lobby*”, quando o ministro acusa, segundo a revista, cientistas ligados a causa gay, que estariam tentando espalhar o medo entre a população, ou ainda ligados a determinados laboratórios e que o Brasil teria questões mais relevantes para se preocupar naquele momento.

Por fim, a última matéria feita pela revista *Veja* (1985), no ano de 1985 sobre a aids, tem relação com a morte do ator estadunidense Rock Hudson. Em 09 de outubro de 1985 a revista noticia em sua capa uma nota com a imagem do ator e os dizeres “Rock Hudson – A AIDS vence o ídolo” (VEJA, 1985, Capa), além de um espaço encorpado nesta edição da revista sobre a morte de Hudson e sua relação com a aids. “Oficialmente, a causa da morte foi um câncer linfático. Terminava ali a agonia do ator americano Rock Hudson, um dos mais populares de toda a história do cinema, e a AIDS, [...] fazia sua vítima mais famosa” (VEJA, 1985, p. 100).

A reportagem com seis páginas traz informações sobre a carreira do ator, suas relações com outros famosos americanos e alguns comentários por parte de amigos e colegas que protestavam o fato de terem protagonizado com ele em cenas inclusive de beijos, e ele ter escondido sua situação com a aids. Outros já sentiam repulsa pela forma com que a imprensa e colegas trataram Hudson pela doença.

A revista *Veja* (1985) também destaca o que classificou como uma “Caça às bruxas” exercitada por uma imprensa sensacionalista americana na busca de outros famosos que poderiam estar com aids, ou ainda fossem gays, inclusive atores que teriam perdido peso e estariam sendo possíveis candidatos a estarem com aids. Assim também classifica Rock Hudson como a vítima mais celebre da aids e lembra que a maioria de vítimas são

homossexuais e a taxa de mortalidade está em quase 100%. Vejamos a carga emocional que a publicação cria ao afirmar que a mortalidade atinge quase todos seus pacientes.

A revista *Veja* buscou trabalhar durante estes quase quatro anos de publicações com uma ideia de grupo de risco, embora tenha ocorrido uma mudança significativa na forma com que ela divulgava os casos, principalmente da segunda metade de 1984, quando buscou produzir menos textos sensacionalistas. Ela passava, então, a divulgar os fatos sem usar palavras que amedrontassem apenas o grupo gay, buscando também salientar que a aids podia atingir a todos que praticassem sexo desprotegido.

Assim buscaremos trabalhar no terceiro capítulo, essa relação entre aids e periódicos, com nosso foco voltado para o jornal *Tribuna da Imprensa*. Faremos um detalhamento do periódico, além de apresentar suas fontes selecionadas. Buscaremos entender o papel que o jornal desempenhava na sociedade em que ele estava inserido, além de conhecer as pessoas que comandavam este periódico.

## 4 A AIDS NO JORNAL TRIBUNA DA IMPRENSA

Como trabalhado no capítulo anterior, a aids esteve presente nos periódicos brasileiros no início da década de 1980, não apenas nas páginas da revista *Veja*, mas como nas páginas de muitos outros periódicos em geral. Soares (2001) destacou a influência de jornais norte-americanos de fazer jornalismo em relação a aids, sendo vinculada como um mal que atacava determinados grupos de risco e teve associação direta com a homossexualidade masculina nos primeiros anos.

Como veremos neste capítulo, a forma com que o jornal *Tribuna da Imprensa* divulgou as informações relacionadas com a aids, poderemos perceber semelhanças e diferenças com a revista *Veja* e perceber a existência de títulos muitas vezes sensacionalistas e enunciados breves, e que buscavam informar os desdobramentos da aids, mas ao mesmo tempo, acabavam classificando a doença o que poderia aumentar as dúvidas da população.

### 4.1 UMA BREVE HISTÓRIA DOS JORNAIS NO BRASIL

Como destacamos no capítulo anterior, a imprensa no Brasil passou por períodos distintos no que se refere a forma com que as matérias eram produzidas nas páginas de revistas e jornais. O século XIX podemos dizer, foi o advento das primeiras impressões de jornais e cartilhas de circulação de informações no Brasil, se já havíamos algo antes em termos de impressos, mas de muito longe lembravam o que hoje conhecemos como jornal.

O primeiro jornal brasileiro surgiu apenas no ano de 1808, o jornal *A Gazeta do Rio de Janeiro*, um jornal a disposição do governo brasileiro, que como destacou de Luca, buscava filtrar as informações que chegavam da Europa, afim de evitar críticas ao governo. A autora destaca “o caráter doutrinário” (DE LUCA, 2005, p. 133) com que a imprensa brasileira do século XIX circulava no Brasil, embora ela destaca “um contingente diminutivo de leitores, tendo em vista as altíssimas taxas de analfabetismo” (DE LUCA, 2005, p. 33). A autora salienta o papel importante que os jornais tiveram na política no século XIX fortalecendo o poder do governo brasileiro, já que a grande imprensa da época sempre esteve em apoio aos meios de poder, tendo pouco se alterado durante o século XX.

Com o passar dos anos, o século XX começou a trazer ao Brasil uma urbanização com maior intensidade, sendo assim, a circulação de informações acabou se tornando em mercadoria, de Luca, aponta para as ilustrações como essencial para um impulso nos

periódicos brasileiros, assim como nas novas técnicas de reprodução, que modernizaram e aumentaram a produtividade destes jornais. Ela destaca:

A chegada do século XX parecia anunciar mais de que uma simples mudança no calendário; tratava-se de adentrar um novo tempo, que deixava para trás o passado monárquico e escravista [...] Os jornais diários profissionalizavam-se, sem perder o caráter opinativo e de intervenção na vida pública. Os novos métodos de impressão permitiam expressivo aumento nas tiragens, melhora da qualidade e barateamento dos exemplares, que atingiam regiões cada vez mais distantes, graças aos avanços do sistemas de transportes, que agilizam o processo de distribuição. (DE LUCA, 2005, p. 137)

Essa modernização que a autora fala, e que foi destacado por Vitor Civita (Veja, 1968) diretor geral da revista *Veja* em sua primeira edição, onde afirmou os novos adventos da imprensa brasileira no vasto território nacional, trouxe uma proliferação de novos periódicos, além de que aumentou o número de leitores, assim havia mercado para que novos editoriais, explorassem esse produto no Brasil. Com a modernização na reprodução destes periódicos, houve também uma evolução na forma com que as produções eram elaboradas, “expressa no declínio da doutrinação em prol da informação” (DE LUCA, 2005, p. 138), mas mesmo assim, como a própria autora destaca, um jornal na segunda metade do século XX em diante, era uma empresa com inúmeros interesses.

Então, até mesmo uma capa de jornal, já vem carregada de sentimentos e opiniões, assim como de Luca, exemplifica, um jornal, ao definir o que deve e o que não deve chegar ao seu leitor, deixa transparecer suas preferências e julgamentos.

A jornalista Patrícia de Lucena Moreira Lopes (2010) destaca um pouco a existência de certa doutrinação existente nas páginas da *Tribuna da Imprensa*, surgida na metade do século XX. Tanto no comando de Carlos Lacerda, como no de Hélio Fernandes, não tinham uma preocupação em manter-se imparciais, principalmente no âmbito político.

#### 4.2 A CRIAÇÃO DO JORNAL TRIBUNA DA IMPRENSA

A história do jornal *Tribuna da Imprensa* do Rio de Janeiro, se relaciona com a de seu criador Carlos Frederico Werneck de Lacerda (1914-1977). Segundo o jornalista Cristiano Aguiar Lopes (2011), Lacerda, além de jornalista, era um político carioca, tendo sido, vereador, deputado e governador, que possuía grande empatia pelo ex-presidente Getúlio Vargas.

Para Lopes, Carlos Lacerda trabalhava com uma coluna chamada Tribuna da Imprensa no jornal *Correio da Manhã* entre os anos de 1946 e 1949. Neste espaço fazia forte oposição ao governo Getulista, além de sempre deixar clara suas preferências políticas, com forte vínculo com a União Democrática Nacional (UDN). Após ser desligado pelo *Correio da Manhã*, por desentendimentos, fundou o jornal *Tribuna da Imprensa* em 27 de dezembro de 1949 com o nome de sua antiga coluna.

A primeira edição do jornal *Tribuna da Imprensa* (1949), foi lançada em 27 de dezembro de 1949, com vinte folhas e muitos assuntos a serem tratados. As principais notícias da capa, eram relacionadas à política e economia, este foi o foco da Tribuna durante o comando de Carlos Lacerda até 1961, não que tenha mudado muito após esse período, já que o jornal sempre focou em questões políticas, mas debateu sobre, esportes, moda, saúde, comportamento entre outros.

Na capa além de informações sobre edição data e direção geral, havia também as primeiras reportagens, já com uma entrevista com o presidente nacional da UDN, lembrando que Carlos Lacerda era membro do partido, e também na capa uma carta de apresentação aos leitores intitulada “Afiml começamos” (*Tribuna da Imprensa*, 1949, p. 1). Entre outras coisas o objetivo geral, “No ato de criar um patrimônio moral para o povo brasileiro” (*Tribuna da Imprensa*, 1949, p. 1). A primeira edição saiu com vinte páginas, mas nem sempre foi assim, houve edições com sete, oito, ou dez páginas. Nos finais de semanas os jornais saíam com duas datas a data de sábado e domingo, já que não havia publicações aos domingos.

Após a fundação do jornal *Tribuna da Imprensa* em 1949, o jornal adquiri uma posição de combate ao segundo governo de Vargas que começaria logo depois.

Fundada em dezembro de 1949 pelo jornalista e político Carlos Lacerda, a Tribuna da Imprensa tinha a finalidade de ser um jornal de oposição ao governo. Contra Getúlio Vargas, uniu-se a militares golpistas e partidos oposicionistas em uma tentativa de derrubar o presidente, após este voltar ao poder em 1951, por meio de acusações em seu jornal. (LOPES, P. 2010, p. 10)

Segundo Lopes, Carlos Lacerda reservava muitas páginas de seu jornal a atacar o presidente Getúlio Vargas e suas políticas nacionalistas, com objetivo de desestabiliza-lo, chegando a pedir em editorial de 1954 a intervenção dos militares a destituição de Vargas, meses depois Getúlio Vargas deixaria a presidência cometendo suicídio.

Assim como destaca a historiadora Thársyla Glessa Lacerda da Cunha o objetivo de Lacerda na criação de um jornal era o alinhamento com seu pensamento político, que já

estava presente em sua antiga coluna. As características principais “eram o moralismo ascético na administração pública, o anti-esquerdismo e a defesa da moral cristã” (2016, p. 4). Sendo também o combate árdua em suas páginas à política nacionalista desenvolvida por Getúlio Vargas.

A forte oposição e desentendimento com Getúlio Vargas, e conseqüentemente a morte do então presidente da república em 1954, os governistas acusavam Carlos Lacerda de ser um dos responsáveis indiretos pela morte de Vargas e assim organizaram uma tentativa de destruição da sede do jornal.

Lopes (2011) destaca que o jornal foi fundado com muitas dificuldades financeiras e as tiragens de vendas não eram altas, sendo considerado o jornal de menor tiragem na década de 1950, no estado do Rio de Janeiro, e embora não vendia muito, possuía enorme poder de influência política desempenhada por Lacerda. “Em 1955, tinha uma tiragem de 40 mil exemplares, enquanto vespertinos como *Diário da Noite e O Globo* publicavam 90 mil e 110 mil exemplares, respectivamente (RIBEIRO, 2007, apud, LOPES, C. 2011, p. 17). Mesmo com a baixa tiragem inicial, dava-se muita atenção para o que Lacerda publicava em seu jornal vespertino, e assim como define Orlandi (2001), à uma relação de força dentro da linguagem, quando, o dito por determinada pessoa tem mais importância apenas por sua posição profissional ou social, e Carlos Lacerda possui forte influência política no Rio de Janeiro.

Com as dificuldades financeiras, e os estragos agravados pelas destruições causadas pelos antigos aliados de Vargas e o fracasso nas vendas, Carlos Lacerda se viu obrigado a vender seu jornal em 1961,

Após o suicídio de Getúlio, em 24 de agosto de 1954, depois de tanta pressão, governistas invadiram e destruíram a sede da Tribuna. Assim, em outubro de 1961, durante o governo de João Goulart, com dificuldades financeiras devido ao empastelamento do jornal pelos governistas, que ficou sem poder circular, Lacerda vendeu a Tribuna da Imprensa por US\$ 10 milhões a Manuel Francisco do Nascimento Brito, genro da Condessa Pereira Carneiro, dona do Jornal do Brasil. Após a venda, Lacerda foi se dedicar a política. Havia sido vereador em 1945, deputado federal de 1947 a 1955, e agora era governador do estado da Guanabara (Rio de Janeiro), onde ficou até 1965, quando criou a editora Nova Fronteira. (LOPES, P. 2010, p. 10)

Após a venda do jornal a Manuel Brito, muitas dificuldades permaneciam em manter o jornal em circulação, assim, apenas um ano depois de adquirir o jornal, Brito repassa-o a Hélio Fernandes o comando da *Tribuna da Imprensa*, que permanece no comando do jornal

até 2008, ano em que o jornal encerrou suas atividades de forma física, hoje existe apenas atividades online. Patrícia Lopes, salienta a existência de dúvidas na forma com que o jornal foi repassado a Hélio Fernandes, muito acreditam que na verdade houve apenas um repasse das dívidas.

Ainda com dívidas, da época em que os governistas invadiram o jornal, em 1962, Nascimento Brito vendeu a *Tribuna da Imprensa* ao jornalista Hélio Fernandes, pelo mesmo valor que comprou. Entretanto, Hélio afirma não ter pago nada pelo jornal, apenas assumindo o prejuízo. (2010, p. 10).

Sob comando de Hélio Fernandes<sup>11</sup> o jornal continua com suas opiniões definidas politicamente, nos anos em que Joao Goulart presidia o Brasil entre 1961 e 1964, por muitas vezes houve editoriais inteiros dedicados a atacar a forma com que Jango governava o Brasil.

O jornalista Hélio Fernandes fundou junto com outros políticos a Frente Ampla em 1966, sendo também segundo Lopes, “Sempre polêmico e esquerdista, começou a ser perseguido logo após o Golpe Militar de 1964” (LOPES, 2010, p. 40), sendo também para a autora, a *Tribuna da Imprensa* um dos jornais que mais sofreu com a censura da Ditadura Militar no Brasil entre (1964-1985).

Em abril de 1981, a *Tribuna da Imprensa* sofreu um atentado que acabou por destruir sua gráfica. Esse atentado foi considerado naquele momento como uma retomada da ação terrorista que se abatera sobre o Rio de Janeiro sete meses antes, quando houve ataques à Ordem dos Advogados do Brasil e à Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, e era creditada à iniciativa de segmentos militares descontentes com a abertura do regime e visando a interrompê-la. ““A DITADURA VAI ACABAR, NÓS NÃO”. Foi com essa manchete que a *Tribuna da Imprensa* circulou no dia 27 de março de 1981, um dia após o atentado”. (LOPES, 2010, p. 27).

A *Tribuna* costumava circular com uma tarja escrita “sem censura” como podemos ver na imagem número 4, principalmente até o ano de 1984, onde buscava mostrar a seus leitores a visão crítica do jornal.

---

<sup>11</sup> Hélio Fernandes nasceu em 1920 no Rio de Janeiro, trabalhou em vários outros jornais antes de comprar de Nascimento Brito em 1962 a *Tribuna da Imprensa*. Lopes aponta as principais características do novo jornal “A *Tribuna* já nasceu como um jornal de oposição, mas nas mãos de Hélio Fernandes tornou-se, além disso, um jornal pessoal, uma forma de escrever o que pensava e o que o interessava.” (2010, p. 40). Além de o jornal ter se posicionado mais à esquerda no âmbito da ideologia política em relação aos tempos em que a *Tribuna* era comandada por Lacerda.

Imagem 5: A partir do final da década de 1970 até 1985 o jornal Tribuna da Imprensa começou a circular com uma tarja escrita Sem censura, uma alusão a censura imposta pelos militares após o golpe de 1964.



Fonte: *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 1, 04 de jan. 1983.

Após o período de redemocratização brasileira na década de 1980, Lopes destaca o crescimento e fortalecimento que o jornal passou a ter, mesmo todas as dificuldades que enfrentara durante o período militar, sendo este período o nosso foco da pesquisa, a autora mostra-nos que o jornal conseguiu resistir aos ataques que sofrerá até 1985, sendo assim os primeiros anos após o fim do regime militar o período em que o jornal obteve os melhores números em tiragens vendidas.

O declínio da *Tribuna de Imprensa* começou na década de 1990, “Foi a partir de 1994 que a Tribuna começou a ter problemas financeiros. Houve queda nas vendas de banca” (LOPES, P. 2010, p. 45), sendo apontado também pela autora a relação com o governo brasileiro na época, que não tinha uma identificação ideológica e assim dificultava a concessão de anúncios e apoios ao jornal.

#### 4.3 CARACTERÍSTICAS DAS MATERIAS JORNALISTICAS

Soares apontou como características de um jornal, uma série de normas e regras que devem ser seguidas: “A objetividade, a neutralidade, o distanciamento, a negação de opiniões ou posicionamento políticos, a exclusão de ideologias são alguns dos ideias buscados pela imprensa” (SOARES, 2001, p. 25). Sabemos que tudo isso, na prática, é mais difícil do que na teoria e, segundo o próprio Carlos Lacerda, a *Tribuna* nasce para fazer oposição a um governo descrente.

O jornal a *Tribuna da Imprensa* nasceu como um jornal de oposição ao governo federal, capitaneado por Getúlio Vargas, por isso, em alguns momentos Carlos Lacerda buscou mostrar-se parcial nas páginas da *Tribuna* no âmbito da política.

O jornal costumava trabalhar com matérias informativas, mas pode ser encontrado espaços de opiniões em todas as suas edições, sendo comum os jornais darem espaços para colonistas defenderem suas opiniões. Em relação a aids, o jornal costumava descrever as formas que ela se manifestava e também as formas de evitar a proliferação do vírus entre a população, pois “só ataca os meios homossexuais”, e seria assim um “vírus gay” (*Tribuna da Imprensa*, 1983, p, 11). Neto (1999) define a existência muitas vezes de uma classificação social da doença nos periódicos e isso é uma característica da escrita jornalística, sendo que ocorreu em relação a aids.

Para que possamos entender um pouco o contexto em que o jornal noticiava a aids, precisamos entender a forma em que o jornal procura se comunicar com seu leitor. Antônio Fausto Neto (1999) em sua obra *Comunicação e Mídia Impressa*, traz muitos exemplos e formas de desenvolver a prática da produção jornalística e, conseqüentemente, formas com que os jornais adequam suas publicações.

Como define Neto, os jornais intencionam definir a forma com que seus leitores devem agir criando então um “modelo de agir” (1999, p. 83). Em se tratando de aids, nas páginas da revista *Veja*, e do jornal *Tribuna da Imprensa*, podemos encontrar vários elementos que confirmam esta teoria de Neto, inclusive com a elaboração de gráficos e tabelas que mostramos anteriormente na imagem 2 e imagem 3, em que a *Veja*, ressaltava uma forma de levar a vida amorosa que diminuiriam os riscos de contrair o vírus HIV, ressaltando as relações monogâmicas como uma relação em que as chances de contrair a aids seriam mínimas.

Além de que, muitas vezes, eles não apontam seus leitores como sendo agentes da doença, ou seja, estão falando de terceiros, ou grupos minoritários. Isso fica claro na *Tribuna de Imprensa* em publicações como “sábado agora, três mil deles desfilaram pelas ruas” (*Tribuna da imprensa*, 1983, p. 11), se referindo a um grupo de homossexuais franceses que saíram em passeatas em busca de respeito. Mas utilizando o termos “três mil deles”, para apontar determinado grupo em que tanto o escritor como o leitor não se enquadram.

Outra característica presente em matérias de jornais e que Orlandi (2001) define como interdiscurso, que é a relação em que o discurso é feito e a arremeta a um contexto em que o leitor e o escritor estão inseridos, ou seja, a memória influencia no que o enunciado diz, tendo

essa influência vindo de algo “já-dito” que já está inserido na sociedade. A autora define o interdiscurso com uma relação entre o contexto presente e algum contexto passado e que influenciará no que será dito agora, no caso específico da aids, remete logo a questões relacionadas a sexualidade e doença, apontado também por muitas matérias como um resgate da moral, sendo apontado o liberalismo sexual presente nas cidades mais afetadas como um dos principais motivos pelo surgimento da síndrome.

Orlandi destaca a importância de não misturar os conceitos de interdiscurso e intertexto, sendo que interdiscurso “é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. (2001, p. 33), já o intertexto “restringe-se à relação de um texto com outros textos” (2001, p. 34). Em relação a aids, nas páginas da revista *Veja e Tribuna da Imprensa*, ambos os conceitos faram presença, sendo que o intertexto esteve presente com relações de matérias em momentos alternados e o interdiscurso com reação a conceitos definidos previamente pelos meios de comunicação como um relação da aids aos homossexuais masculinos.

#### 4.4 REPORTAGENS DO JORNAL TRIBUNA DA IMPRENSA SOBRE A AIDS

O campo da pesquisa é formada por 10 reportagens informativas referentes a aids entre os anos de 1982 e 1985. Foram selecionadas apenas as reportagens informativas sobre novos casos, descobertas científicas, efeitos e consequências da aids. Portanto, neste momento da pesquisa foram desconsideradas da pesquisa as menções indiretas com a aids ou ainda opiniões ou entrevistas.

Assim como foram analisadas as reportagens da *Revista Veja*, buscaremos analisar não apenas o contexto destas informações, mas também a maneira e as palavras utilizadas para a produção destas reportagens. Perceberemos assim que todas as notícias que tinham relação com a aids, utilizavam palavras como, “gays, homossexuais, promiscuidade, grupos de risco” dentro de suas publicações.

Como veremos na tabela 2, não encontramos nenhuma menção significativa em relação a aids no ano de 1982, assim como no ano de 1984, apenas no ano de 1983, quando surgiram as primeiras notícias no jornal, muitos destes, eram de colunas de jornalistas que comentavam sobre comportamento. Algo mais significativo ainda, apareceu apenas em 1985,

ano em que muitas matérias foram produzidas sobre a aids nas páginas do jornal *Tribuna da Imprensa*.

Tabela 2: Reportagens do jornal Tribuna da Imprensa sobre a aids:

Data:	Título:	Autor:
23-24/04/1983	Perigo “gay”	Constança Teixeira de Freitas de Carvalho
07-08/05/1983	Doença das bichas já tem vírus detectado	Autor desconhecido
24/06/1983	A paranoia Síndrome Gay	Luiz Augusto
25-26/06/1983	A epidemia do medo ataca na França	Constança Teixeira de Freitas de Carvalho
23/05/1985	AIDS já atinge crianças no Brasil	Autor desconhecido
30/05/1985	AIDS: Guerrilha biológica do terceiro mundo?	Antônio Caetano
22/08/1985	AIDS passa a epidemia e é incontrolável	Autor desconhecido
23/09/1985	Rio é a cidade brasileira com mais mortes causadas por AIDS	Autor desconhecido
03/10/1985	E a AIDS matou o machão...	Autor desconhecido
30/10/1985	Franceses anunciam um remédio para a AIDS	Herve Martim

Fonte: **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro, 1982-1985.

Uma das características do jornal *Tribuna da Imprensa*, como já vimos, era não existir uma preocupação grande em se manter imparcial em assuntos políticos. Em relação a aids buscava sempre noticiar com títulos amplos e sensacionalistas, principalmente no primeiro ano em 1983. E buscava sempre falar como se o mal estivesse apenas presente a terceiros, no caso da aids, eu jornalista, você leitor, e eles portadores do vírus HIV.

Utilizando destes títulos abrangentes, podemos pensar a utilização do conceito de polissemia no uso de linguagens. Segundo Orlandi, polissemia é o uso de uma palavra que dá várias sentidos a ela, assim utilizando de palavras com sentidos diversos para descrever algo.

Orlandi também traz a ideia da metáfora nos discursos “Na análise de discurso, ela significa basicamente ‘transferência’” (2001, p. 44), no conceito de transferência você dá um sentido a algo que necessariamente não é através do discurso. Para a autora, é papel do analista de discurso observar as formas com que as palavras estão inseridas no contexto do texto, já que nem sempre a mesma palavra significa a mesma coisa, o sentido da palavra depende muito do contexto em que ela está inserida.

No caso da aids em específico, sempre tratando os pacientes com certa distância do leitor, assim podemos entender a primeira menção do jornal ao surgimento de um “perigo gay” (Tribuna da Imprensa, 1983, p. 11). A reportagem é assinada por Constança Teixeira de Freitas de Carvalho.

Imagem 6: Reportagem sobre a aids em 23-24 de abril de 1983.



Fonte: CARVALHO, Constança Teixeira de Freitas de. Perigo gay. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro, p. 11-11. 23-24 abr. 1983.

A pequena matéria, porém no centro da página, traz ao leitor algumas informações como, uma nova “síndrome gay”, que segundo ela ataca “os meios homossexuais” e que chegou à França e está fazendo muitas vítimas fatais entre os “rapazes da banda”, além de que a matéria afirma que a doença surgiu nos Estados Unidos e que ainda não se sabe muito sobre como acabar com este “vírus gay” (Tribuna da Imprensa, 1983, p. 11). E ainda fez um alerta

de que, se a doença continuar a se espalhar, haverá necessidade de evitar que gays entrem e saiam da França sem passar por exames rigorosos.

Além de noticiar, traz um alerta sobre a possibilidade de haver restrições aos homossexuais, pelo fato desta doença estar relacionado a eles. E também pelo fato de não terem ainda informações de como combatê-la. A matéria utiliza o termo “combate”, tratando de uma guerra que precisa ser travada para conter o mal.

As primeiras reportagens encontram-se com termos vagos e geralmente populares, costumeiramente associando a aids com a homossexualidade. Deixando sempre claro se tratar de uma doença nova, misteriosa e sem cura, que ataca quase que exclusivamente os homossexuais masculinos.

Na segunda reportagem do jornal, em 07 e 08 de maio de 1983, o jornal faz uso de um título sensacionalista para apresentar informações sobre descobertas científicas em relação a descoberta do vírus causador da aids, hoje definido como vírus HIV. Na imagem 7, temos o título da matéria que é “Doença das bichas já tem vírus detectado” (Tribuna da Imprensa, 1983, p. 6). Muitas das principais notícias vinculadas à aids, neste primeiro ano de 1983, traziam no título menções como gays, bichas, peste, entre outras, assim sempre reforçando a relação entre condição sexual e aids.

Imagem 7: “Doença das bichas já tem vírus detectado”, uma matéria informando a descoberta do vírus HIV, por equipes francesas e americanas.



Fonte: DOENÇA das bichas já tem vírus detectado. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro, p. 6-6. 07-08 maio 1983.

A reportagem destacou informações sobre pesquisas desenvolvidas pelos pesquisadores americanos comandados por Robert Gallo e pelo francês Luc Montagnier, onde

já haviam descoberto que a nova doença era viral e ainda reforçavam as características da nova doença como: “Uma doença nova, desconhecida e fatal, que ataca quase que exclusivamente os homossexuais masculinos” (Tribuna da Imprensa, 1983, p. 6). Além destas informações, desanimadoras para os portadores, a matéria ainda ressalta que movimentos religiosos, tanto americanos como franceses, estão definindo que a nova doença trata-se de uma “vingança divina”.

Nesta reportagem podemos encontrar o que Orlandi descreve como paráfrase na linguagem, quando se faz esse jogo entre o que já foi dito e o que se quer dizer, ou seja, utiliza-se de palavras amplas para resgatar o que o leitor já sabe sobre determinado conteúdo. No caso “doença das bichas” é algo que o leitor já conhece, sendo uma doença que está atacando os meios homossexuais e “vírus detectado” é o algo novo, no caso as descobertas do vírus HIV. “Quando pensamos discursivamente a linguagem, é difícil traçar limites estritos entre o mesmo e o diferente [...] E é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam” (ORLANDI, 2001, p. 36). Essas relações entre paráfrase e polissemia e a linguagem utilizada no texto, pode-se ser encontrada no decorrer das reportagens do jornal.

Nesta reportagem, também podemos encontrar elementos que Neto aponta como “leitores ideias” (1999, p. 76), ou seja, o jornal fala a seus leitores, mas eles não estão inseridos na notícia, o jornal está falando de determinado público, que não é aquele que está lendo. Isso acontece em muitas matérias produzidas pela *Tribuna da Imprensa* e, como vimos anteriormente, também pela revista *Veja*.

A terceira reportagem deste jornal foi noticiada nos dias vinte e cinco e vinte e seis de junho de 1983, assinada pelo autor Luiz Augusto, chamada “A paranoia Síndrome Gay” (Tribuna da Imprensa, 1983, p.11). O autor cita, entre outras coisas, o desespero que toma conta das ruas das maiores cidades dos Estados Unidos, com uma doença que está sendo chamada de câncer gay.

O autor cita que os bombeiros estão se negando a fazer respiração boca a boca em possíveis vítimas de acidentes, com receio de contraírem a aids. O autor chama o advento da aids de “praga do século XX” (Tribuna da Imprensa, 1983, p. 11). E o fechamento geral das saunas e boates que antes segundo ele eram muito frequentadas pela “colônia gay” e que ele não entrara em mais detalhes, pois seu espaço não é uma coluna pornográfica.

A quarta matéria trata de “A epidemia do medo ataca na França” (Tribuna da Imprensa, 1983, p. 11). Também assinada por Carvalho (1983), traz novamente assim como

na reportagem número um de nossa análise, informações da doença que saiu dos Estados Unidos e chegou na França, e assim espalha o medo naquele país. Lembrando o que Tronca (2000) destacou, como a necessidade de uma sociedade achar o culpado e este ser o estrangeiro, no caso nem um país quer ser responsabilizado por levar os créditos de uma nova moléstia.

A reportagem traz alguns fatos sobre a luta dos homossexuais pelos seus direitos, afirmando “sábado agora, três mil deles desfilaram pelas ruas” (Tribuna da imprensa, 1983, p. 11). Esse desfile ocorreu para buscar o direito de ser (homossexual). Além da reportagem trazer uma associação clara entre, o vírus gay, e os homossexuais, e a chegada da doença a França: “Ela chegou e não seria diferente, porque em Paris a colônia Gay conta muito em matéria de números” (Tribuna da Imprensa, 1983, p. 11).

À justificativa de que a doença atacava apenas os gays, a reportagem cita o câncer sarcoma de Kaposi, uma espécie de câncer de pele. Além de que, a doença é mortal, onde noventa por cento dos contaminados morrem antes dos dois anos da doença, e justifica que o grupo dos homossexuais representa 75% dos pacientes. O motivo é claro é o número de parceiros sexuais, além de que heterossexuais e hemofílicos, podem contaminar através da compartilhamento de seringas, já que a transmissão se dá também pela corrente sanguínea.

Por fim, a reportagem sentencia, que muitos cientistas franceses, afirmam que a moléstia, se espalhará assim como nos Estados Unidos, e a forte semelhanças com o sífilis importada pela Europa do Haiti, em séculos passados. Aqui a autora faz uma relação entre aids e sífilis, colocando a Europa como uma receptora de doenças de países subdesenvolvidos, principalmente em relação a sífilis.

A quinta matéria traz um alerta importante sobre a aids no Brasil, intitulada “AIDS já atinge crianças no Brasil” (Tribuna da Imprensa, 1985, p. 2). O texto trabalha os primeiros casos confirmados de aids entre crianças de até nove anos de idade no Brasil. O título desta matéria além de trazer uma grande carga de terror psicológico, faz relação com o conceito de interdiscurso defendido por Orlandi (2001), já que a matéria complementa algo que já é sabido por seus leitores, no caso a aids e faz um alerta para o fato de a aids já atingir crianças, sendo também como define Neto (1999) utilizando títulos amplos traz ao leitor um interesse maior em ler a matéria completa.

A reportagem conta com algumas informações cedidas pelo médico Claudio Amaral chefe do Departamento de Doenças Transmissíveis da Secretaria de Saúde do Rio de Janeiro, que defende o fim da ideia popular de que “AIDS não é só doença de gay” (Tribuna da

Imprensa, 1985, p. 2), além de que ele defende que a aids não é transmitida apenas pelo sexo, ou pelo sangue, assim como fluidos corporais como saliva, fezes, e suor.

A reportagem cita que somente desmistificando a ideia de que a aids não atinge somente os homossexuais, os serviços de saúde pública conseguira conter os avanços da doença, e assim evitariam novos casos de aids entre crianças de até nove anos e pessoas que não se enquadram no grupo de risco.

A sexta reportagem analisada traz uma página inteira de informações sobre a aids. Com o título “Aids: Guerrilha biológica do terceiro mundo?” (Tribuna da Imprensa, 1985, p. 12), onde o autor Antônio Caetano disserta por uma página inteira, detalhando as questões que circulam com a aids e as consequências aos pacientes.

As informações da matéria são da descoberta de um vírus em 1983, por cientistas franceses e americanos, e aponta que a aids não é uma doença em si, mas várias doenças ocasionadas. Já que o vírus descoberto “ataca diretamente o vírus Linfócito T, responsável pela produção de anticorpos de defesa” (Tribuna da imprensa, 1985, p. 12). A matéria ainda destaca a erotização da doença, além claro dos mistérios que estão envolvidos com ela, e pelo fato de ser um mal incurável, ela atinge patamares demoníacos.

A matéria trata de desmistificar a ideia de grupos de riscos, embora ela não utilize estes termos, pois acaba mostrando que como a doença começou a afetar diferentes grupos sociais, não se pode mais utilizar os termos, “doença dos gays” ou ainda doença dos negros” por exemplo, embora ela destaque que esses termos, principalmente câncer gay, ainda sejam muito difundidos e utilizados na sociedade, o que dificultava os meios de saúde pública o combate à doença.

Dois subtítulos são utilizados no corpo do texto, para chamar a atenção do leitor nesses itens em destaque. Os subtítulos são “Mulheres: risco cada vez maiores de contágio” e “Da paranoia, surge o perigo de caça às bruxas” (Tribuna da imprensa, 1985, p. 12). Os títulos chamam a atenção para dois fatos novos e importantes que a aids trouxe, o primeiro é a “culpa” dos bissexuais e a outra é em relação a discriminação aos homossexuais.

Como destacamos então, segundo a reportagem, estariam crescendo os números de casos de mulheres portadoras, devido a dois fatores: o primeiro seriam as relações bissexuais de seus parceiros, que assim possuíam uma vida de dupla personalidade e teriam relações homossexuais fora do casamento; e a segunda ocorre pelas transfusões de sangue.

A reportagem procura fazer relação entre a nova doença e seu viés ideológico afirmando que se a aids tivesse uma posição política ela seria de direita, já que a relação entre

os países do terceiro mundo como ele cita “foi descoberto que eram os negros haitianos os responsáveis pela disseminação do vírus através de duas instituições da miséria: os bancos de sangue e os michê” (Tribuna da Imprensa, 1985, p. 12), e continua citando sua relação com a civilização branca, através de seu “elo moralmente fraco – os homossexuais”. Embora o autor da matéria procurou destacar algumas informações científicas em relação a médicos, também destaca que um dos principais problemas do combate a aids é a ideia de que ela tem relação exclusiva com a homossexualidade e, assim, dificultado o tratamento, já que há um certo preconceito com os próprios pacientes e muitos não querem admitir estarem com a síndrome.

Quando o autor se refere a caça às bruxas, está falando dessa característica de exclusão, inclusive com dificuldades em conscientizar as pessoas de que todos podem contrair o vírus e não estão imunes, e assim evitar uma exclusão por parte dos homossexuais. Além do preconceito que os gays enfrentavam na época, tendo em vista que a homossexualidade ainda era vista como doença mental em 1985.

A sétima reportagem traz no título uma afirmação nada animadora em relação a aids no Brasil, com o título da matéria “AIDS passa a epidemia e é incontrolável” (Tribuna da imprensa, 1985, p. 6). O autor da reportagem procura demonstrar números em que comprovam sua afirmação de que a aids tornara-se uma epidemia no Brasil e não tem mais como controlá-la.

O autor argumenta que já há provas científicas de que o aumento de casos está acontecendo de forma incontrolável ele cita,

Isso acontecerá por já estar comprovado cientificamente que o número de casos de AIDS aumenta numa progressão geométrica: dois casos se transformam em quatro, estes quatro em oito, e assim progressivamente (TRIBUNA DA IMPRENSA, 1985, p. 6)

A reportagem apresenta também ao leitor uma das características que fez com que a aids se torne uma epidemia é o fato de que muitos podem estar portando o vírus sem sintomas, e assim acabaram espalhando a doença a outras pessoas.

As reportagens jornalísticas podem adquirir várias formas e características, entre as características apontadas por Neto (1999), está a “voz sentenciadora” (p. 83), que é quando o jornalista, encera a matéria, ou inicia com uma sentença, já promulgada. Por exemplo, nesta matéria o autor afirma “O comportamento sexual da humanidade vai mudar [...] se não for descoberto uma vacina eficaz para evitar a enfermidade” (Tribuna da imprensa, 1985, p. 6).

Essa fala está relacionada à enfermidade provocada pelas complicações da aids. Ou seja, o autor sentencia que a sexualidade humana não será mais a mesma após a aids.

A oitava reportagem traz informações sobre a situação da aids no estado do Rio de Janeiro. Já na capa do jornal tinha a manchete “Discussão sobre a AIDS deve ser sem preconceitos” (Tribuna da imprensa, 1985, Capa). Buscando apontar debates entre políticos brasileiros vinculados aos direitos humanos que buscavam debater com a sociedade a situação da aids, sem apontar culpados, e acomodar discriminações. Como mostramos no capítulo anterior na imagem 2, a revista *Veja* trabalhou, em reportagem de 1985, o número de casos nos dois estados RJ e SP, mostrando o aumento do número de casos e destacando o fato de a aids não atingir exclusivamente o chamado grupo de risco.

A matéria discute as características da doença, sendo uma forma bem diferente de trabalhar a aids, busca tirar a imagem de uma doença gay, assim como na reportagem da *Veja* (1985) e assume a função de ajudar a desmistificar a aids. Intitulada “Rio é a cidade brasileira com mais mortes causadas por AIDS” (Tribuna da imprensa, 1985, p. 7). Segundo a reportagem e dados da secretaria de saúde do Rio de Janeiro, a taxa de mortalidade da doença no Rio é superior à Brasil. Já que 75% dos casos diagnosticados com aids morreram, enquanto as taxas em níveis nacionais são de 50%.

A reportagem destacou o fato de os homossexuais estarem sofrendo cada vez mais com o aumento dos casos de aids, desde seu surgimento nos Estados Unidos “A partir do aparecimento do primeiro caso de AIDS, em meados de 81, em Nova York, os homossexuais passaram a carregar o estigma de portadores do vírus HTLV-III” (Tribuna da imprensa, 1985, p. 7). O autor revela que muito mais que vítimas, a doença causou pânico e este pânico tem relação direta com a falta de informações que deveriam ser repassadas corretamente para a população.

Vários subtítulos são utilizados na reportagem, e vão trabalhando o preconceito existente na vida dos portadores do vírus HIV. Em um dos subtítulos, o jornal fala com o escritor Herbert Daniel, que defende o direito do indivíduo de ter mais de um parceiro. Já que para ele foi debatido em cima do homossexual masculino como se este fosse o responsável e não o sujeito a doença, mas, ao mesmo tempo, não foi dito que o homossexual feminino é o grupo com as menores chances de pegar o vírus.

Por fim, uma deputada participa da matéria defendendo as minorias e destacando que “se a sociedade não reagir, daqui a pouco teremos a repetição do sistema do Apartheid” (Tribuna da Imprensa, 1985, p. 7). A deputada estadual do Rio de Janeiro, Lucia Arruda,

acusa os segmentos mais conservadores de praticarem preconceitos aos homossexuais, já que segundo ela esses grupos estariam atacando as práticas sexuais destas pessoas e, para ela, mais importante que isso, são os avanços da medicina na busca da cura e a divulgação de informações corretas pelos meios de comunicação.

A nona matéria traz a notícia da morte do ator norte-americano Rock Hudson, tendo sido considerado o primeiro norte-americano famoso vítima da aids e que mudou a forma com que o governo americano via a síndrome até aquele momento. Assim como na revista *Veja*, a morte do ator ganhou destaque nas páginas do jornal, sendo destacado o fato do ator ter interpretado no cinema vários papéis de galã, o que se destacou foi a vida privada do ator, sendo que até o momento em que ele revelou sofrer das complicações da aids, não era público sua homossexualidade.

O título já traz a informação “E a AIDS matou o machão...” próximo um anunciado “Forte, 1,90 m. com todos os atributos de um verdadeiro galã de Hollywood. Rock Hudson fez suspirar durante anos os corações apaixonados de todo mundo. Até que...” (Tribuna da imprensa, 1985, p. 11). Trazendo estes títulos e subtítulos a reportagem mostrou a carreira do ator, seu papel de galã em várias produções cinematográficas e seu drama de fim de vida, com a descoberta de estar com o vírus HIV.

Imagem 8: Notícia sobre a morte do ator norte-americano Rock Hudson em 03 de outubro de 1985.



Fonte: E a AIDS matou o machão... Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro, p. 11-11. 03 de out. 1985.

Além de informações sobre a carreira e os prêmios que o ator ganhou, a matéria trazia a informação de sua vida privada e o choque para seus fãs ao descobrirem que Hudson era homossexual. O título faz menção a isso, o fato dele ter sempre interpretado “machões” no cinema e ter construído uma imagem de galã heterossexual, durante todos estes anos, por fim, a reportagem traz a informação de doações que o ator deixou para ajudar na busca da cura da aids.

A décima reportagem da *Tribuna da Imprensa*, traz uma matéria onde detalha uma nova descoberta de cientistas franceses na busca pela cura da aids. Intitulada “Franceses anunciam um remédio para a AIDS” (Tribuna da Imprensa, 1985, p. 6). A reportagem traz ainda um teor destrutivo representado pela aids como por exemplo o subtítulo “Uma doença mortal que leva ao pânico” ou ainda quando o autor cita no texto “a AIDS é uma doença temível, mortal na maioria dos casos, que destrói as defesas do organismo” (Tribuna da Imprensa, 1985, p. 6).

O autor detalha tudo o que já foi descoberto, a atuação de cientistas notórios como Luc Montagnier e Robert Gallo, De fato a reportagem traz a descoberta de três médicos franceses que com testes em dois pacientes com aids, descobriram que a substancia Ciclosporina ajuda na defesa contra os avanços da aids.

Embora represente um avanço, médicos brasileiros entrevistados pela reportagem disseram, que era muito pouco ainda para se comemorar, já que os casos analisados pelos franceses tratavam de casos iniciais e assim não deram um resultado significativo.

As reportagens informativas e que muitas vezes estão com aspectos opinativos dentro da própria notícia, foram se modificando através dos anos. Em 1983, pudemos perceber, mais claramente, termos relacionados exclusivamente aos homossexuais masculinos. Já em 1985 havia uma preocupação de desmistificar esta teoria de que a aids era uma doença exclusiva para gays e que agora todos poderiam ser vítimas dessa moléstia.

O fato de a *Tribuna da Imprensa*, ter sido um jornal com uma afeição maior à política e economia, houve espaço menor para assuntos relacionados à saúde, no caso também a aids. Podemos perceber mudanças na forma com que o jornal se relaciona com o assunto da aids, assim como ocorreu na revista *Veja*, sendo que os primeiros dois anos entre 1982 e 1983, o jornal buscou de forma sensacionalista divulgar as matérias e, dividindo as pessoas em grupos, entre os que estariam mais propensos a adquirirem a aids.

Com a chegada de novos fatos em relação a síndrome, a partir de 1984 e 1985, o jornal acaba citando de forma mais objetiva os riscos de contágio e abrangendo a possibilidade para

além dos grupos de riscos, mas mesmo assim, não vai ocorrer uma ruptura total na forma de noticiar a aids, sendo ainda relacionada a sexualidade considerada for dos padrões, ou seja a homossexualidade a forma predominante para se contrair o vírus HIV.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisamos neste trabalho a forma com que os periódicos trabalharam e apresentaram a aids a seus leitores. Assim pudemos perceber os discursos utilizados pelo jornal *Tribuna da Imprensa* e a revista *Veja* em relação a aids e entender que as influências do jornalismo norte-americano estiveram presente na imprensa brasileira, debatendo a existência de grupos de risco e a busca pelo culpado. A utilização de termos como “grupos de risco” e denominações como vírus gay, peste gay, uma doença que afetava e discriminava determinado grupo social e que estava vinculada a sexualidade. Sendo assim, muitas vezes esses periódicos ressaltavam a forma com que os portadores do vírus HIV levavam sua vida, uma forma de separar a população e assim tranquilizar de forma indireta os que não se enquadrassem nesse perfil.

Percebemos que nos primeiros dois anos estudados, entre 1982 e 1983, houve uma carga maior de uso de metáforas que geraram um terror psicológico em cima do grupo dos homossexuais masculinos. A aids, como nos diz Dilene Raimundo do Nascimento, traz principalmente aos homossexuais masculinos dificuldades em lidar com a nova doença “experienciam o poder da estigmatização social por trazerem estampados em seus corpos as marcas de um modo de vida dedicado ao culto de uma paixão desmedida” (NASCIMENTO, 2005, p. 76). Assim, fez aparecer ou reaparecer conceitos de conservadorismo e discursos que puderam ser percebidos nos periódicos. Nestes primeiros anos buscou-se a ideia de grupo de risco com mais frequência entre os periódicos e a principal característica apontada por eles pelo fato de os homossexuais estarem na linha de frente desta doença, eram o fato de levarem uma vida sexual promíscua, sendo que a aids era apontada como uma doença que além de matar desumanizava o paciente.

Entre os anos de 1984 e 1985, houve um aumento significativo na difusão de informações sobre a aids entre a população e assim algumas coisas começaram a se modificar, quando começou a se ter espaços nesses periódicos ideias de que precisava ser desconstruída a ideia de que a aids seria uma doença gay e sim uma doença sexualmente transmissível que poderia afetar inúmeras pessoas e que o sexo não é a única forma de transmissão, sendo importante ocorrer políticas de saúde pública para combate a disseminação do vírus.

Nestes anos, havia ainda uma classificação social da doença, já que a aids ainda era apresentada com muita força a ideia de grupos de risco, como vimos na revista *Veja* e na *Tribuna da Imprensa*. Houve a necessidade de se separar a população, o “culpado” e a prática

sexual, como fundamental para proteção em relação a aids, pois muito mais importante que a cura, a aids ajudou a procurar o culpado pelo surgimento da epidemia.

Buscar entender o contexto dos periódicos e a relação entre pesquisador e fonte foi um desafio que impôs uma análise criteriosa na forma como as vozes embutidas nas reportagens puderam ser entendidas para a elaboração desta pesquisa. Sendo imprescindível perceber o alcance e a credibilidade com que os periódicos adentrassem na sociedade brasileira. Tendo em vista que, tanto a revista *Veja*, como o jornal a *Tribuna da Imprensa*, não possuíam características de proximidade com temáticas como a dos homossexuais, eram periódicos com um foco maior na política e economia, sendo que não se buscava falar muito em questões sexuais, principalmente que fugiam a forma tradicional.

Como vimos neste trabalho, o uso de metáforas, foram utilizadas com frequência para representar a aids aos leitores, tanto da revista *Veja* como do jornal *Tribuna da Imprensa*. Houve sempre uma relação entre os periódicos e os leitores como algo distante da doença, que com o passar dos meses, foi se aproximando, ou seja, quando se noticiou a chegada da doença aos grupos dos heterossexuais e que até crianças estariam sendo atingidos, deixou-se de se falar com distanciamento, como se a aids estivesse restrito apenas a determinado grupo social.

Também pudemos analisar discursivamente o uso de movimentos ligados à linguística, e estiveram presentes em todas as matérias dos periódicos analisados, como por exemplo, a utilização de palavras com significados amplos e títulos abrangentes que assim fariam o leitor ter uma familiaridade com a notícia, sendo também, que por muito tempo, buscou-se relacionar a aids, com o comportamento sexual. Sendo muito apontada a promiscuidade sexual masculina como uma das principais motivos pela proliferação da aids entre os “grupos de risco”, apontados como homossexuais, toxicodependentes e hemofílicos.

Com o auxílio de autores que já trabalharam a aids e suas relações com diferentes áreas do conhecimento, pudemos entender a forma como a aids foi apresentada a sociedade na época: uma doença que excluiu e matou milhares de pessoas, não só no Brasil como em todo o mundo. Sendo que nos primeiros anos, buscou-se muito mais combater-se o paciente do que a doença e assim tentando sempre entender as formas de contágio, sendo que mais importante que apoiar buscava-se achar os culpados pela doença. Houve certa demora em perceber que a aids era um perigo que poderia afetar qualquer ser humano, sem distinção de cor, idade, ou sexualidade.

Essa pesquisa, pensamos ser o início de uma longa etapa, pois a mesma não está concluída. As representações em que a aids foram apresentadas por reportagens estão

presentes em muitos veículos de informação e foram difundidas entre a população, sendo assim há ainda um vasto campo a ser compreendido e analisado afim de contribuir para os estudos de análises de discurso e combate ao preconceito aos grupos minoritários.

## FONTES

AIDS já atinge criança no Brasil. **Tribuna da imprensa**. Rio de Janeiro, p. 2-2. 23 de mai. 1985.

AIDS passa a epidemia e é incontrolável. **Tribuna da imprensa**. Rio de Janeiro, p. 6-6. 22 de ago. 1985.

**A REVISTA NO BRASIL**. São Paulo: Editora Abril, 2000.

AUGUSTO, Luiz. A paranoia Síndrome Gay. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro, p. 11-11, 24 jun. 1983.

AUGUSTO, Luiz. O Vírus Gay. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro, p. 11-11. 25 abr. 1983.

BRASIL. **AIDS**: etiologia, diagnóstico e tratamento. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Aprendendo sobre AIDS e doenças sexualmente transmissíveis: livro da família**. 3.<sup>a</sup> edição. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

CAETANO, Antônio. AIDS: guerrilha biológica do terceiro mundo?. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro, p. 12-12. 30 de mai. 1985.

CARVALHO, Constança Teixeira de Freitas de. Perigo gay. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro, p. 11-11. 23-24 abr. 1983.

CARVALHO, Constança Teixeira de Freitas de. A epidemia do medo ataca na França. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro, p. 11-11. 25-26 jun. 1983.

CIVITA, Victor. **Carta do Editor**. Veja. São Paulo: Editora Abril, n. 01, p. 20. 11 set. 1968.

DOENÇA das bichas já tem vírus detectado. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro, p. 06-06. 07 maio 1983.

E a AIDS matou o machão... **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro, p. 11-11. 03 de out. 1985.

ESPECIAL. 2000 capas de Veja para comemorar a edição 2000. In: VEJA, **Comer certo**. São Paulo: Editora Abril, ano 40. n.2000, 2007.

**FILADÉLFIA**. Direção de Jonathan Demme. Estados Unidos: Sony Pictures, 1993.

FREITAS, Constança Teixeira de. Perigo "gay". **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro, p. 11-11. 23 abr. 1983.

MARTIM, Herve. Franceses anunciam um remédio para a AIDS. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro, p. 6-6. 30 de out. 1985.

O GIGANTE abatido. **Veja**, Rio de Janeiro, v. 892, p.100-104, 09 out. 1985.

Rio é a cidade brasileira com mais mortes causadas por AIDS. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro, p. 7-7. 23 de set. 1985.

SÍNDROME gay pode ter causado outra vítima. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro, p. 03-03. 05 jul. 1983.

**THE NORMAL HEART**. Direção de Ryan Murphy. Estados Unidos: HBO Premiere Films, 2014.

**TRIBUNA DA IMPRENSA**. Rio de Janeiro. 27 dez. 1949.

**VEJA: e Leia**. São Paulo: Editora Abril, v. 01, 11 set. 1968.

**VEJA**. São Paulo: Editora Abril, v. 723, 14 jul. 1982, p. 76.

**VEJA**. São Paulo: Editora Abril, v. 774, 06 jul. 1983, p. 50-52.

**VEJA**. São Paulo: Editora Abril, v. 784, 14 set. 1983, p. 64.

**VEJA**. São Paulo: Editora Abril, v. 817, 02 out. 1984, p. 64.

**VEJA**. São Paulo: Editora Abril, v. 847, 28 nov. 1984, p. 107.

**VEJA**. São Paulo: Editora Abril, v. 859, 20 fev. 1985, p. 42.

**VEJA**. São Paulo: Editora Abril, v. 882, 31 jul. 1985, p. 88-93.

**VEJA**. São Paulo: Editora Abril, v. 884, 14 ago. 1985, p. 56-69.

**VEJA**. São Paulo: Editora Abril, v. 885, 21 ago. 1985, p. 64-65.

**VEJA**. São Paulo: Editora Abril, v. 892, 09 out. 1985, p. 100-104.

## REFERÊNCIAS

- ANAIS DO XVII ENCONTRO DE HISTORIA DA HNPURH- RIO, 2016, Rio de Janeiro. **Um combate de letras: os jornais Tribuna da Imprensa e Última Hora durante o segundo governo de Vargas (1951-1954)**. Rio de Janeiro: Instituto Multidisciplinar, 2016. 7 p.
- ARRAES, Grazielle Regina de Amorim. **Entre o desejo e a culpa: A Transformação do Comportamento Sexual e as Mudanças da Noção de Risco nas Campanhas de Prevenção à Aids no Brasil (1981-2013) e Estados Unidos Durante a Década de 1980**. 2015. 317 f. Tese (doutorado)- curso de história, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- AUGUSTI, Alexandre Rossato. **Jornalismo e comportamento: os valores presentes no discurso da revista *Veja***. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pósgraduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- BARATA, Germana Fernandes. **A primeira década da aids no brasil: O FANTÁSTICO APRESENTA A DOENÇA AO PÚBLICO (1983-1992)**. 2006. 196 f. Tese (Mestrado) - Curso de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- Burke, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- GALLO, Robert. **Caça ao vírus: AIDS - câncer e retrovírus humano**. São Paulo: Editora Siciliano, 1994. 344 p.
- GONÇALVES, Maxlander Dias. **Veja – uma história do pt e do primeiro governo lula sob a ótica das notícias**. 2009. 234 f. Tese (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.
- JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. A dimensão retórica da historiografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 223-249.
- KLANOVICZ, Luciana Rosar Fornazari. **No olho do furacão: REVISTA VEJA, CENSURA E DITADURA MILITAR (1968-1985)**. Revista Literatura em Debate, Florianópolis, v. 4, n. 6, p.34-50, 07 jul. 2010.
- LEAL, Carlos Eduardo. **Correio da Manhã**. In: Abreu, Alzira Alves (Org.). Dicionário histórico biográfico brasileiro. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <  
[http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes\\_htm/5814\\_1.asp](http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/5814_1.asp). Acesso em: 26 nov. 2015. s.d. >
- LOPES, Patrícia de Lucena Moreira. **Tribuna da Imprensa: Morre um jornal, fica a legenda**. 2010. 68 f. Tese (Doutorado) - Curso de Jornalismo, PUC-SP, Sao Paulo, 2010.
- LOPES, Cristiano Aguiar. **O antimudancismo nas páginas do jornal tribuna da imprensa (1956-1960)**. In: Caderno ASLEGIS. Caderno ASLEGIS. Brasília: Aslegis, 2011. p. 9-48.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

MONTAGNIER, Luc. **Vírus e Homens: AIDS: Seus Mecanismo e Tratamentos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. **As pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursivas em veja e manchete**, São Paulo: Annablume, 2002.

NETO, Adílio Luiz da Silveira. **Nós e o que falavam de nós: subjetividades e discursos jornalísticos – hiv/aids em criciúma (1986-1996)**. 2014. 306 f. Tese (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

NETO, Antônio Fausto. **Comunicação e mídia impressa**. Estudo sobre a aids, São Paulo: Hacker editores, 1999.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Discurso e Leitura**. 9. Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ROCHA, Maria Estela Barbosa da. **Juventuda com hiv/aids: rostos velados; vozes a serem ouvidas**. 2007. 181 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2007.

ROCHA, Mayara Miranda. **Última Hora: instrumento político a favor de Getúlio Vargas**. 2013. 10 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal de Ouro Preto/mg, Ouro Preto, 2013.

SOARES, Rosana L. **Imagens Veladas: Aids, imprensa e linguagem**. São Paulo, SP: Editora ANNABLUME, 2001

SONTAG, Susan. **AIDS e suas metáforas**, São Paulo: Companhia das letras, 1989.

SONTAG, Susan. **A doença como metáfora**, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

SOUZA, Deise de. **Educação continuada em saúde para a prevenção do HIV/AIDS no local de trabalho**. 2011. 48 f. Tese (Pós-Graduação) - Curso de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

TRONCA, Italo A. **As máscaras do medo LEPR/AIDS**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000.

VARELLA, Drauzio et al. **Aids Hoje**. São Paulo, SP. Jovem Pan, 1989.

VALLE, Maria Ribeiro do. **1968-2008: O Veja “Way of Life”**. 2012. 147 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Universidade Estadual Paulista–unesp, Araraquara, 2011.

VILLALTA, Daniella. **O surgimento da revista Veja no contexto da modernização brasileira.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXV, 2002, Salvador/BA. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Salvador/BA: Universidade Potiguar, 1999. p. 1 - 15.